

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO

PUC-SP

Fabiana Meireles de Oliveira

**A ORALIDADE EM *O CASAMENTO* DE NELSON RODRIGUES:
UM ESTUDO DAS ESTRATÉGIAS INTERACIONAIS NO
DIÁLOGO**

Mestrado em Língua Portuguesa

São Paulo

2010

Livros Grátis

<http://www.livrosgratis.com.br>

Milhares de livros grátis para download.

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO
PUC-SP

Fabiana Meireles de Oliveira

**A ORALIDADE EM O CASAMENTO DE NELSON RODRIGUES:
UM ESTUDO DAS ESTRATÉGIAS INTERACIONAIS NO
DIÁLOGO**

Mestrado em Língua Portuguesa

Dissertação apresentada à Banca Examinadora da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, como exigência parcial para obtenção do título de MESTRE em Língua Portuguesa, sob a orientação do Prof. Doutor Dino Preti.

São Paulo

2010

Banca Examinadora

Ao meu glorioso, Deus, pela minha existência.

Aos meus pais, Sebastião e Ivalda, pelo incentivo, amor e dedicação.

Ao meu querido, Fernando, pelo carinho, companheirismo e ternura.

A Lua, algodãozinho, (*in memoriam*).

AGRADECIMENTOS

Ao professor Doutor Dino Preti, pela orientação, pela paciência e pelo aprendizado que me forneceu. Eu o considero como o grande mestre.

À professora Doutora Vanda Elias, pela valiosa correção e contribuição ao meu trabalho.

À professora Doutora Wilma Gerab, por ter contribuído muito ao meu trabalho.

À minha cunhada Priscila, pelo apoio, carinho e amizade.

À família do meu namorado, pelo carinho e por serem pessoas maravilhosas.

Aos amigos conquistados durante o curso, pela amizade e compreensão.

RESUMO

A pesquisa procura examinar os diálogos de ficção no romance *O casamento* de Nelson Rodrigues, a fim de verificar como as estratégias interacionais dos falantes podem-se aproximar de uma interação *face a face*. Essa análise terá como foco a teoria da Análise da conversação.

Para tanto, é importante considerar o contexto histórico e geográfico em que se encontram as personagens e as informações extralinguísticas que são fornecidas pelo narrador para a compreensão das personagens e da situação de comunicação que o diálogo é construído.

Os diálogos analisados aqui, nesta pesquisa, são considerados como *corpus* de oralidade na escrita, justamente por lermos o texto e depararmos com diálogos dinâmicos, naturais e autênticos.

Partimos da hipótese de que o diálogo do romance revela naturalidade, e que a linguagem de Nelson Rodrigues se aproxima da língua praticada em uma situação *face a face*.

Palavras- chave: interação, diálogo, análise da conversação.

ABSTRACT

The reason of search is investigate the fiction dialogue in romance of *Nelson Rodrigues O casamento* to examine how the strategy between races can motivate an integrate action between them. The focus of this analysis is the theory of analysis of conversation

Is important to considerate the historical and geographic context of the character and the information extra linguistics supplied by the narrator to understand the characters and the situation of communication from where the dialogue is made.

The dialogues analyzed in this search are considered like corpus of orally in the script because in the text there is dynamic dialogue, natural and authentic.

We start of the hypothesis that romance's dialogue reveal naturalness and that the language of Nelson Rodrigues is like of language of situation face to face.

Key words: interaction, dialogue, analysis of conversation.

SUMÁRIO

Considerações iniciais	03
Capítulo 1 <i>O Corpus</i>	06
1.1 Nelson Rodrigues e sua época	06
1.2 Contexto histórico e político	10
1.3 A obra: O casamento	12
Capítulo 2 Referencial teórico	14
2.1 O diálogo <i>face a face</i> : principais características organizacionais	14
2.1.1 Dificuldades de analisar o texto baseado em gravações	18
2.1.2 Possíveis vantagens de se trabalhar com o diálogo literário em lugar das gravações	20
2.1.3 Aproximação do diálogo literário com o diálogo <i>face a face</i>	23
2.1.4 Aproximação do conceito de “conversação literária”	24
2.1.5 Metodologia de análise do diálogo literário	27
2.2 O processo interacional: uma atividade social	28
2.3 Estratégias discursivas	33
2.4 <i>Frame</i> e <i>footing</i> na interação	37
2.4.1 <i>Frames</i> de narração	40
2.5 Papéis sociais, <i>status</i> e formas de tratamento	41
2.6 Preservação da <i>face</i> e polidez	50
a) Procedimentos que marcam o envolvimento do locutor	60
a1) marcadores de opinião	60
a2) marcadores <i>hedges</i>	60
b) Procedimentos que marcam o distanciamento do locutor	61
b1) indeterminação do sujeito	62
b2) marcadores de rejeição	62
Capítulo 3 Estratégias interacionais em <i>O casamento</i> de Nelson Rodrigues	63

3.1 <i>Frame</i> e <i>footing</i> na interação	64
3.2 Papéis sociais <i>status</i> e formas de tratamento	69
3.3 Preservação da <i>face</i> e polidez	82
a) Procedimentos que marcam o envolvimento do locutor	109
a1) marcadores de opinião	109
a2) marcadores <i>hedges</i>	111
b) Procedimentos que marcam o distanciamento do locutor	114
b1) indeterminação do sujeito	114
b2) marcadores de rejeição	115
Considerações finais	116
Referências bibliográficas	119

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

A linguagem é um instrumento de comunicação extremamente importante, pois possibilita ao indivíduo comunicar-se com a sociedade. Desde o momento em que é aprendida, a linguagem é uma dinâmica social que envolve as relações sociais mais simples até as mais complexas, estabelecendo uma interação entre indivíduo e sociedade.

Este trabalho tem por tema a questão das estratégias interacionais no texto literário, na obra *O casamento*, romance de Nelson Rodrigues. O estudo tem como base o diálogo das personagens nas mais variadas situações de produção discursiva, levando-se em conta, principalmente, a teoria da análise da conversação.

A pesquisa que partiu da escolha de um texto literário como *corpus*, justifica-se por esse texto possibilitar uma verificação da aproximação do diálogo de ficção com a conversação *face a face*. A escolha de um texto de natureza literária é relevante por esse texto ter sido escrito por um teatrólogo que procurou realizar, em suas peças, um diálogo próximo da realidade da fala brasileira, o que acontece também em seu romance.

Sabemos que a situação em que se desenvolve a comunicação é importante dentre outras razões, para podermos classificar o nível de linguagem das personagens, no caso desta pesquisa, e a proximidade que o diálogo tem com a realidade linguística. A pesquisa proposta justifica-se, na medida em que o diálogo ficcional oferece muitos elementos linguísticos para entender a aproximação com a conversação natural.

O texto escolhido será estudado nos aspectos sociais, culturais e linguísticos expressos nas formas de interação entre as personagens. Sendo assim, a pesquisa conversacional procura descrever o comportamento verbal dos interlocutores durante a interação, visando a compreender como se processa a organização do ato conversacional (cf. Preti, p.16).

Este trabalho tem por tema a oralidade na obra *O casamento* de Nelson Rodrigues. Dentro desse tema, estudaremos o *problema* das estratégias conversacionais utilizadas pelas personagens para atingirem seus objetivos durante a interação verbal. Este estudo vai levar à análise do *frame* e *footing*, dos papéis sociais, *status* e formas de tratamento, da preservação da *face* e das relações com a *polidez*.

Diante do exposto, na resolução do problema, buscamos responder às seguintes questões: 1) Como interagem as personagens em diferentes situações de comunicação? 2) Como os diálogos colaboram para a identificação social das personagens? 3) Que estratégias linguísticas se revelam mais eficientes no diálogo?

Não podemos afirmar que os diálogos de ficção sejam completamente fiéis à conversação natural, pois eles não nos permitem a observação de algumas marcas características da fala, tais como: entonação, expressão facial, gestos, etc. No entanto, acreditamos que as personagens podem revelar estratégias comunicativas que solucionem seus problemas interacionais de modo surpreendente para o analista da linguagem. Partindo dessa ideia, temos por hipótese que o diálogo literário do romance revela naturalidade, e que a linguagem de Nelson Rodrigues se aproxima da língua praticada em uma

situação de interação *face a face*. Acreditamos que seus diálogos apresentam estratégias que talvez sirvam como modelos de competência comunicativa dos falantes, aproximando-se de uma interação ideal.

Os nossos objetivos, nesta dissertação, são os seguintes: 1) Examinar, no texto literário, estratégias conversacionais dos falantes que se aproximam de uma interação *face a face*; 2) Verificar como as estratégias dos diálogos são construídas para torná-los reais.

Na apresentação do *corpus*, faremos uma breve consideração a respeito da vida de Nelson Rodrigues e do contexto histórico-social em que ele viveu e escreveu suas obras. Em seguida, apresentaremos o referencial teórico utilizado na análise. Por último, analisaremos a presença de recursos da linguagem oral nos diálogos escritos por meio do estudo do *frame* e do *footing* como elementos da organização interacional do discurso, bem como do *status* e papéis sociais e das formas de tratamento que indicam maior ou menor aproximação entre os interlocutores.

A preservação da *face* e a *polidez* contribuem para que haja uma boa interação, pois sabemos que os indivíduos, ao se comunicarem, expõem sua *face*. Para que esta não seja invadida, adotam o mecanismo de preservar a própria imagem e de utilizar-se da *polidez* para que os conflitos não prosperem. Por último, veremos o uso dos marcadores de preservação da *face* que funcionam como recurso para resguardar a imagem do locutor e a do interlocutor. Dessa forma, organizamos nosso trabalho em três capítulos, sendo o primeiro a apresentação do *corpus*, o segundo, a base teórica utilizada e o terceiro, a análise.

1. O CORPUS

O *corpus* *O casamento* foi selecionado para análise linguística por apresentar, em seus diálogos, uma aproximação com a realidade falada. Não pretendemos analisar o conteúdo literário, mas observar como as personagens empregam suas falas e se envolvem no momento da interação, como se estivessem numa situação real de comunicação. Para isso, utilizaremos como parâmetro a Análise da Conversação, a fim de mostrarmos como as personagens dialogam nas mais variadas situações de comunicação. Faremos uma breve exposição do período em que Nelson Rodrigues viveu e do seu contexto histórico. Em seguida, apresentaremos o resumo de *O casamento*. Os diálogos analisados serão aqueles que julgamos mais significativos do ponto de vista linguístico, para mostrarmos a presença da oralidade na escrita.

1.1 Nelson Rodrigues e sua época

Nelson Rodrigues nasceu em Recife, no ano de 1912. Em 1915, seu pai, o deputado e jornalista Mário Rodrigues, a fim de tentar uma nova vida, decidiu se mudar sozinho para o Rio de Janeiro, deixando a esposa Maria Esther e os filhos na capital pernambucana. Pretendia, assim que estivesse em melhor situação financeira e empregado, levar a família para morar no Rio.

Em pouco tempo, Mário Rodrigues torna-se redator parlamentar do jornal *Correio da Manhã*, mas, por desentendimentos com companheiros de trabalho, logo é demitido. Isso acontece num momento em que a esposa havia vendido todos os bens da família no Recife, a fim de comprar as passagens para ela e

os filhos viajarem para o Rio de Janeiro. Assim, Mário fica desesperado por não ter moradia e estrutura para receber seus familiares.

Os primeiros tempos, após a chegada de Maria Esther à capital federal, foram um período muito difícil para os Rodrigues. Eles ficam hospedados na residência de Olegário Mariano e de sua mulher Maria Clara, em Botafogo. Isso seria por pouco tempo, até Mário conseguir um novo emprego e adquirir uma casa.

Os Rodrigues se esforçaram muito para conquistar um espaço na sociedade. Em 1925, Mário Rodrigues funda o jornal intitulado *A Manhã*, que fez sucesso em pouco tempo. Com melhores condições socioeconômicas, a família Rodrigues passa a viver de maneira mais digna e confortável.

É neste clima de dificuldade que cresce Nelson Rodrigues. A influência do pai na sua vida profissional foi muito grande. Criado numa família de jornalistas, Nelson inicia seu trabalho na imprensa bem cedo, aos treze anos, como repórter policial no jornal do pai. No início, ele faz rondas nas delegacias e organiza relatórios a respeito de acontecimentos cotidianos. Mas em pouco tempo surpreende os colegas com sua facilidade para criar histórias baseadas nas informações que os repórteres traziam da rua (cf. Castro, 1992, p.47).

De forma marcante, a mudança de Recife para o Rio de Janeiro influencia a vida de Nelson. A situação precária da família e o trabalho aos treze anos contribuem para o seu amadurecimento e seu desenvolvimento.

Nelson abandona o curso Normal de preparatórios aos quinze anos, porque sentia pouco interesse em frequentar a escola, pois lá tinha de estudar temas

de que não gostava. Em 1928, com dezesseis anos, é promovido de cargo, passando a trabalhar nos editoriais. Dessa maneira, passa a elaborar artigos assinados uma vez por semana. Apaixonado por trabalhar com as manchetes, também gostava de vivenciar diferentes situações no ambiente da redação.

Ainda no mesmo ano, devido ao seu envolvimento precoce com o jornalismo o levou a criar seu próprio jornal, um tabloide de quatro páginas intitulado *Alma Infantil*. Escreve todo o periódico junto com seu primo Augusto Rodrigues, um rapaz com quem não teve mais contato, a não ser por cartas, desde que saíra de Recife. O jornal de Nelson circulava diariamente, porém após a publicação de cinco números, o jornalista adolescente, cansado de escrever para o público mirim, preferia acompanhar acontecimentos de maior repercussão no jornal de seu pai.

Em 1928, o pai de Nelson lança seu novo jornal intitulado *Crítica*, com o apoio do amigo vice-presidente da República, Melo Viana. Rapidamente o novo periódico dos Rodrigues se torna um sucesso de vendas. Tratava-se de um jornal com manchetes e notícias sensacionalistas. A primeira página retratava, na maioria das vezes, a política, sempre afrontando os adversários de maneira direta. A última página era sempre dedicada aos crimes que repercutiam na cidade.

A linha editorial que orientava a feitura de *Crítica* trouxe como consequência uma tragédia para os Rodrigues. Nessa época foi publicada uma matéria a respeito da separação de um casal, Silvia Seraphim e João Thibau. Essa senhora – pertencente à alta sociedade do Rio de Janeiro – ficara revoltada com a publicação de aspectos de sua intimidade, em razão de a

reportagem expor detalhes de uma suposta relação extraconjugal por parte dela, a qual teria resultado no fim de seu casamento. Por causa dessa reportagem, Silvia foi à redação do jornal de Mário Rodrigues com o fim de matá-lo. Como não o encontrou, acabou por atirar no filho do jornalista, Roberto Rodrigues, que ali estava no momento de sua visita.

Pouco tempo depois, Nelson perdeu outra pessoa querida, o próprio pai, Mário Rodrigues, que ficara profundamente abalado com a morte de Roberto, sentindo-se culpado, pois a bala que matou seu filho era inicialmente destinada a ele. Como se não bastasse, em um período ainda curto, Nelson teve outra perda que o deprimiria bastante, a de seu irmão Joffre, de 21 anos, que não resistiu à tuberculose. Em 1934, o futuro dramaturgo também é atingido pela mesma doença, ficando internado no sanatorinho em Campos do Jordão, mas logo se recuperando. Em 1937, porém, retornam os antigos sintomas da tuberculose. Somente no segundo semestre daquele ano, ele retorna à redação de *O globo*, local onde trabalhava atualmente.

Todos esses acontecimentos marcaram decisivamente a vida de Nelson, tornando-o triste e angustiado. A doença e a falta de dinheiro o acompanham por muito tempo. Mesmo trabalhando excessivamente, ele não ganhava dinheiro suficiente para que mantivesse um padrão de vida confortável, despreocupado das questões materiais imediatas (cf. Gerab, 2008, p.22).

Nelson escreveu para vários jornais sobre assuntos variados como, por exemplo, futebol, ópera, história em quadrinhos, crônica, romance, conto, novela de TV, cinema e teatro. Ele mesmo se destacara ao escrever

diretamente peças de teatro, contos, crônicas e romances que serão publicados em jornais e livros.

Nelson Rodrigues não via dessemelhança entre literatura e jornalismo. Para ele o jornalismo brasileiro era feito com uma linguagem refinada que ganhava dimensões nacionais nos grandes meios de comunicação (cf. Coelho, 2004, p.25).

Após muito trabalho no jornalismo e lutas contra a tuberculose, Nelson morreu em 21 de dezembro de 1980, aos 68 anos, em decorrência de problemas cardíacos, respiratórios e circulatórios.

1.2 Contexto histórico e político

No início da década de 40 do século XX, aconteceram várias comemorações oficiais de âmbito nacional. Aquele foi um período em que as pessoas buscaram harmonia e paz social, bem como prosperidade econômica, por haver certa estabilidade social. Na mesma época, o avanço da medicina e as inovações tecnológicas e científicas vinham proporcionando uma melhoria na qualidade de vida das pessoas (cf. Alencar, 1985, p.259).

Nos anos 50, período de relativa paz e prosperidade no mundo após a Segunda Guerra Mundial, o país buscou consolidar seu processo de urbanização e industrialização iniciado na década de 30. O crescimento das cidades, acompanhado do aumento da alfabetização e do público leitor, favoreceu a expansão do jornalismo. Alguns órgãos de imprensa e alguns jornalistas se tornaram muito influentes no período.

Os anos 60, já um período bastante conturbado tanto no Brasil como no exterior, aprofundaram o processo de industrialização na medida em que ocorre a expansão da indústria cultural de massas no país, proporcionando o surgimento de artistas e intelectuais que ainda hoje são grandes referências na cultura brasileira.

Nos anos 70, Nelson Rodrigues se destaca como um dos intelectuais brasileiros que mais se dedicam à crítica do socialismo e da esquerda. Ao tentar afirmar sua posição como reacionário na época, Nelson também se posiciona ao lado da ditadura militar que dominava o país e representava um contraponto às ideias que combatia.

A questão político-ideológica merece grande destaque nas obras de Nelson Rodrigues. Ele condena o socialismo por considerá-lo um inimigo da liberdade. Nelson encara o socialismo como uma ideologia perigosa, considerando-o como liberticida e desumanizadora. Para ele, o engajamento político seria incompatível com o exercício da arte e da função intelectual.

Para entendermos o pensamento de Nelson, devemos levar em consideração que ele, como outros intelectuais de seu tempo, defende a liberdade frente à possibilidade de tomada de poder pelos comunistas.

Apesar de defender muitas vezes o sistema ditatorial implantado a partir de 1964, Nelson escreve algumas crônicas em que critica o regime político então vigente, tornando-se constante vítima da censura durante a época da ditadura militar,

Pressentindo as transformações por que passava a sociedade brasileira, o escritor tenta imitar a vida em suas produções. As personagens presentes em suas obras se revelam verdadeiras porta-vozes de ideologias, comportamentos e valores da época.

O casamento é um reflexo desse período histórico da ditadura no Brasil. Nele o autor procurou retratar as diferenças entre os diversos segmentos sociais.

1.3 A obra: *O casamento*

Lançado em 1966, *O casamento* descreve as paixões das personagens, a traição, a pederastia e a morte. Todas as cenas acontecem na véspera de um casamento na cidade do Rio de Janeiro.

O romance é escrito em plena maturidade literária de Nelson Rodrigues. Conta a história de Sabino Uchoa Maranhão, homem seco e rude de família de classe média que deseja casar a filha mais nova, Glorinha, com o noivo Teófilo. Essa família, aparentemente bem constituída, revela abrigar uma extrema distorção em relação aos valores tradicionais. Sabino, pai de Glorinha, insatisfeito ao descobrir a homossexualidade do genro, tenta preservar a imagem da família. Desorientado, ele fica muito angustiado e triste, resolvendo conversar com a filha para saber qual atitude ela tomaria diante da seriedade desse estado de coisas. No final, Glorinha confirma o casamento, como se o fato de vir a ter um marido homossexual nada significasse para ela. Sabino, por sua vez, amante da secretária Noêmia, demite-a, para não ter vínculos

personais no meio profissional. Após ser despedida, Noêmia é assassinada em seu escritório por Xavier, seu ex-amante. Sabino, embora seja inocente, entrega-se à polícia, passando-se pelo verdadeiro assassino.

2. REFERENCIAL TEÓRICO

Neste capítulo, trataremos, inicialmente, do conceito de diálogo *face a face*, das dificuldades de analisar os textos gravados, das possíveis vantagens de se trabalhar com o diálogo literário e da aproximação do diálogo literário com o diálogo natural, bem como da metodologia de análise do texto literário e da aproximação do conceito de “conversação literária”. Em seguida, focalizaremos o processo interacional, as estratégias discursivas, as noções de *frame* e *footing*, os papéis sociais, *status*, formas de tratamento, a preservação da *face* e as relações com a *polidez*.

Com base nesse referencial, faremos o levantamento de marcas de oralidade no texto escrito, com o propósito de observar de que maneira os procedimentos de aplicação de recursos próprios da oralidade, na escrita, podem garantir a naturalidade e a espontaneidade do diálogo literário.

2.10 diálogo *face a face*: principais características organizacionais

Diante de uma conversação *face a face*, podemos utilizar recursos diversificados, sejam eles verbais ou não.

A propósito da conversação, Marcuschi define:

A conversação é a primeira das formas de linguagem a que estamos expostos e provavelmente a única da qual nunca abdicamos pela vida afora. Em suma, além de “matriz para a aquisição da linguagem”, a conversação é o gênero básico

da interação humana (Levinson, 1983, p.284). Tais observações, além de sugerirem que a linguagem é de natureza essencialmente dialógica, realçam o princípio fundamental do caráter par da linguagem (Goffman, 1976, p.257), ou seja, quando conversamos, normalmente o fazemos com perguntas e respostas, ou então com asserções e réplicas. (Marcuschi, 2008, p.14)

Nesse sentido, podemos entender que a conversação é o primeiro contato de linguagem do ser humano com o outro para que haja interação, sendo que o homem utiliza da linguagem de natureza dialógica por ser uma prática social que se realiza no cotidiano. Dessa maneira, o indivíduo quando está inserido num aprendizado sistemático e culturalmente marcado, em que as atenções para as regras de uso se sobrepõem às meramente linguísticas, ele é introduzido numa atividade conversacional.

Para o autor, a organização de uma conversação é constituída pelas seguintes características:

- a) interação entre pelo menos dois falantes;
- b) ocorrência de pelo menos uma troca de falantes;
- c) presença de uma sequência de ações coordenadas;
- d) execução numa identidade temporal; e
- e) envolvimento numa “interação centrada (*id*, p.15)

Ainda de acordo com Marcuschi, apoiado em Dittman (1979), “tais características permitem-nos compreender a conversação como uma interação verbal centrada, que se desenvolve durante o tempo em que dois ou mais interlocutores voltam sua atenção visual e cognitiva para uma tarefa comum” (*id.,ibid.*). Por isso, toda conversação está situada em algum contexto ou circunstância em que os participantes estão engajados. Para desenvolver uma conversação, duas pessoas devem partilhar um mínimo de conhecimentos que emergem dessa interação.

Dessa maneira, Marcuschi acrescenta:

A regra básica da conversação é: fala um de cada vez. Pois, na medida em que nem todos falam ao mesmo tempo (em geral um espera o outro concluir) e um só não fala o tempo todo (os fatores se alternam), é sugestivo imaginar a distribuição de turnos entre os falantes como um fator disciplinador da atividade conversacional. (*Id.*, p.19)

De fato, todo falante deve obedecer à tomada de turno para que haja êxito na conversação. Mas, na maioria das vezes, essa regra é violada de maneira constante, pois os falantes

Sacks, Schegloff e Jefferson (1974) explicam que “a organização de troca de turnos para expressar é fundamental à conversação, bem como os outros sistemas de troca de fala” (*cf. id., p.1*). Diante disso, é necessário levar-se em consideração o fato de a conversação ser um evento organizacional que obedece a algumas regras e está situado em um determinado contexto.

Muitas vezes, os participantes de uma conversação podem, por exemplo, violar essa regra pelo *assalto ao turno* de seus interlocutores. Na perspectiva de Marcuschi, “a tomada de turno pode ser vista como um mecanismo-chave para a organização estrutural da conversação” (*cf.2008, p.19*). Nesse contexto, a conversação é desenvolvida entre pelo menos dois participantes em situação *face a face*, podendo ser entendida dentro do processo interacional.

Brait afirma que a conversação tem uma importância fundamental no processo da interação. Segundo a autora, existem alguns aspectos que constituem o diálogo e nele interferem diretamente:

- a) quem é o outro a que o projeto de fala se dirige?
- b) quais são as intenções do falante com a sua fala, com a maneira de organizar as sequências dessa fala?
- c) que estratégias utilizar para se fazer compreender, compreender o outro e encaminhar a conversa de forma mais adequada?
- d) como levar o outro a cooperar no processo? (Brait, 2003, p.222)

No que diz respeito aos aspectos apontados pela autora no processo interacional, podemos entender:

- no item a, que o projeto de fala deve ser organizado em função das características dos interlocutores;

- no item b, quais são as intenções do falante e como organizar a fala de modo a ser compreendido e se fazer compreender;

- no item c, quais estratégias são adequadas à situação de comunicação, na interação;

- no item d, que linguagem deve ser empregada para que o outro participe do processo, sendo que a dinâmica da interação não visa apenas à troca de informações entre os falantes, mas a compreensão do diálogo.

Nesse sentido, a conversação e a interação juntam-se como uma prática social constante, diária, para uma atitude pessoal de cooperação e colaboração, se considerarmos a conversação como uma das formas de linguagem no cotidiano das pessoas.

2.1.1 Dificuldades para analisar o texto baseado em gravações

O diálogo real tem como característica principal a espontaneidade. No entanto, o diálogo pode ocorrer por meio de gravação de vídeo ou de fitas

magnéticas, com a finalidade de revelar a naturalidade de fala. Sendo assim, o diálogo gravado é considerado um *corpus* de primeira mão, pelo fato de apresentar espontaneidade e poder ser partilhado num determinado momento de interação.

Como sabemos, o diálogo gravado apresenta certas dificuldades para sua transcrição, tais como: as falas simultâneas a sobreposição de vozes, as diferenças de audição, o que dificulta, na maioria das vezes, à compreensão do texto oral pelo analista transcritor. Desse modo, conforme estabelece Marcuschi, “não é algo simples, nem natural. É uma atividade que atinge de modo bastante acentuado a fala original e pode ir de um patamar elementar até uma interferência muito grande” (Marcuschi, 2001, p.53).

Com base nessas dificuldades de transcrição, Preti propõe:

Realizar o trabalho somente como texto gravado não é uma estratégia que se revele eficaz. O ideal será utilizar uma transcrição de base ortográfica que, com toda a precariedade que possa apresentar, é mais oportuna, a não ser que se tenha em mente fazer uma análise de ordem fonética/fonológica, quando então a transcrição fonética se impõe como única forma para a análise. Mas em todas as outras áreas de pesquisa, morfossintática, léxica, discursiva, será melhor começar o trabalho pela transcrição ortográfica, usando o texto oral sempre como um material de controle. (Preti, 2009, p.305)

Diante das dificuldades para transcrever os diálogos gravados, podemos observar que há grandes problemas no momento em que o analista está realizando a transcrição, no sentido de compreender a gravação e transformar na modalidade escrita. Desse modo, é necessário que se faça uma transcrição próxima da nossa ortografia.

Ainda de acordo com os estudos de Preti, “a transcrição pode ser entendida como uma transcodificação, que passa do código sonoro para um código escrito” (*id*, p.309). Dessa forma, a transcrição se constrói de acordo com o objetivo do analista, conforme sua pretensão de manter a fidelidade ao texto original.

Não podemos dizer que há uma transcrição perfeita, pelo fato de determinadas transcrições não manterem os traços típicos da oralidade, uma vez que o transcritor, enquanto analista, também é leitor de sua própria transcrição e espera uma percepção das marcas da língua falada.

2.1.2 Possíveis vantagens de se trabalhar com o diálogo literário em vez de gravações

O diálogo *face a face* nem sempre contribui para uma análise significativa, pelo analista transcritor, por não apresentar em alguns textos gravados todos os traços da oralidade na transcrição. A dificuldade de estudarmos a linguagem empregada num diálogo *face a face* tem mostrado a possibilidade de analisar também o *corpus* de segunda mão, constituído por textos literários que, às

vezes, podem reproduzir as marcas da língua falada, em diversos contextos interacionais.

Assim sendo, o *corpus* literário, principalmente os diálogos de ficção, pode apresentar um modelo de interação natural entre dois falantes. Para tanto, devemos considerar o contexto em que se produzem as informações do narrador, podendo revelar não apenas variações de fatores extralinguísticos, mas também as ligações entre os falantes e as estratégias empregadas por eles com a finalidade de atingirem uma interação ideal.

Ainda sobre essa questão, Preti afirma que

esses *corpora* literários vieram suprir, muitas vezes, a falta de documentação gravada (que não existia, até recentemente) para registrar variantes da modalidade oral da língua, testemunhando (por escrito) como as pessoas falavam nas mais variadas situações de interação. Narradores e personagens tomaram o lugar de falantes reais, reproduzindo natural ou intencionalmente, a realidade linguística. (Preti, 2004, p.117)

Como podemos notar, o texto literário constitui um bom exemplo para analisarmos as estratégias dos interlocutores envolvidos e os modelos falados na interação como se fossem modelos reais. O diálogo artificial pode representar um modelo ideal de conversação. Porém, quando situamos nosso tema dentro da prosa literária, não pensamos em discutir nem os planos

estéticos, nem os movimentos literários e os estilos de época, nem a relação entre a própria arte e a realidade, no âmbito da teoria literária.

Pretendemos entender como as estratégias conversacionais são construídas dentro do plano da interação, uma vez que os diálogos de ficção podem apresentar as marcas de oralidade presentes numa conversação *face a face*, apesar de elas nem sempre se fazerem presentes nos textos escritos. Por isso, acreditamos que as personagens literárias, em seus diálogos, empregam estratégias que podem atingir uma interação ideal, ou seja, um modelo elaborado de interação real.

Diante disso, Preti explica que

os diálogos construídos na ficção podem operar, às vezes, por padrões ideais, revelando-nos de forma mais precisa as ligações entre estados interiores das personagens e sua expressão verbal, pois informações contextuais do narrador esclarecem-nos, quem sabe com mais precisão, os reais estados psicológicos das personagens ao articularem certas estratégias na conversação. Não se trata, evidentemente, de vermos em tais textos formas mais “corretas” de falar na linguagem natural, mas, sim, de encontrarmos modelos mais eficientes de comunicação em busca de certos fins. (*Id.*, p.153)

Desse modo, os diálogos construídos na ficção podem ou não apresentar os modelos eficientes ou ideais de uma conversação natural. Tais modelos são

utilizados pelos participantes do diálogo no momento da interação, com a finalidade de revelar aproximação, distanciamento, poder e submissão entre os falantes.

2.1.3 Aproximação do diálogo literário com o diálogo *face a face*

Conforme mencionamos anteriormente, o diálogo literário também serve de *corpus* linguístico para retratar uma possível realidade falada. No entanto, sabemos que não estamos diante de um diálogo *face a face*, mas de um diálogo elaborado e preparado, em que o autor, para manter uma aproximação com a realidade, pode ter empregado recursos da oralidade para dar maior veracidade a sua obra.

Sobre a questão do diálogo literário, Preti afirma:

Sendo uma manifestação escrita, o texto literário pressupõe um processo de elaboração, de reflexão, de planejamento que se afastaria, em tese, da dinâmica da língua oral espontânea, que se desenvolve, não raro, de forma imprevista, em face da situação interacional. (*Id.*, p.120)

Podemos dizer, então, que os exemplos de língua escrita literária podem oferecer elementos expressivos de estratégias conversacionais que às vezes não encontramos na língua falada do cotidiano. Porém, considerando as vantagens de trabalharmos com o texto literário, o emprego de recursos da

oralidade pode ser uma estratégia intencional do escritor para possibilitar em seu diálogo uma proximidade maior com a realidade (*id*, p.120).

Não pretendemos dizer que os escritores tenham refletido com profundidade sobre o problema linguístico dos diálogos de ficção. Contudo, ressaltamos a importância da vivência do escritor nos contextos históricos, tentando aproximar a linguagem dos diálogos literários da realidade falada. Justamente as maiores aproximações do diálogo literário com a realidade estão sempre no nível lexical, por permitir uma maior variação linguística tanto do narrador quanto das personagens.

2.1.4 Aproximação do conceito de “conversação literária”

Sabemos que não existe uma “conversação literária”. O que existe é uma conversação real numa dada circunstância de interação. No entanto, a expressão “conversação literária” foi criada por Preti. Segundo ele, “as personagens literárias poderiam revelar em seus diálogos estratégias comunicativas ideais, surpreendendo-nos pela forma como expressam, simulam ou escondem suas intenções” (cf. *id.*, p.53). De acordo com os estudos do autor, esse conceito é desenvolvido com o objetivo de analisar os textos de ficção e mostrar que eles podem ter uma proximidade com o diálogo real.

Assim, para que ocorra tal aproximação, devemos levar em conta alguns aspectos, tais como:

- 1) contexto histórico em que se realiza o diálogo;
- 2) fatores extralinguísticos e sua possível ação sobre as personagens, considerando as características socioculturais;
- 3) as informações trazidas pela situação de interação, não apenas os elementos pragmáticos que precedem e acompanham as falas, mas também os traços de interatividade;
- 4) as estratégias conversacionais empregadas pelos interlocutores – que visam à obtenção de certos fins – e seus resultados ao longo do diálogo construído.

Essas etapas constituem a metodologia empregada para analisar um diálogo de ficção. São denominadas como macroanálise e microanálise da conversação literária, o que veremos no próximo item. Trata-se de uma metodologia que serve para nos orientarmos nas diferentes situações que se apresentam no momento da enunciação e das estratégias empregadas pelas personagens.

Prete acrescenta:

um problema importante para quem analisa o diálogo de ficção sob esses enfoques puramente linguísticos, deixando de lado, pois, a discussão sobre o valor literário dos textos (ou se eles representam uma aproximação maior ou menor com a fala espontânea, fato creditado como uma qualidade do autor, num outro tipo de análise) é encontrar um *corpus* que lhe permita obter todas as informações sobre a “conversação literária”, que se

realiza, como se o pesquisador fosse a *audiência* de um diálogo no qual não toma parte, mas cuja *situação de comunicação* conhece em todos os pormenores: onde e quando e por que se realiza, quem são seus participantes, como interagem, como completam as falas com gestos (movimentos do corpo, direção do olhar etc.), alteração de ritmo de fala e altura de voz, para expressarem, por exemplo, humilhação, poder, intimidade, crítica, rancor etc. (*id.*, p.170)

É importante encontrar um *corpus* que ofereça todos esses recursos, no intuito de definirmos a teoria da “conversação literária” que estuda os textos, principalmente a prosa de ficção, com vistas a descobrir uma possível realidade falada. Pretendemos aproximar o conceito da “conversação literária” na abordagem dos diálogos de ficção, pois sabemos que, em tese, não existe tal conceito. Mas quando estudamos o diálogo elaborado devemos levar em consideração alguns aspectos extralinguísticos que são fornecidos pelo narrador nos diálogos, bem como elementos pragmáticos da interação que são estratégias conversacionais das personagens.

O contexto histórico-social também é importante para o estudo do diálogo, assim como os elementos situacionais que compõem as informações linguísticas durante o ato conversacional. Dessa forma, as estratégias discursivas empregadas no diálogo podem facilitar-nos a compreensão de uma determinada linguagem utilizada pelo falante, dependendo da situação comunicativa em que ocorre o ato linguístico.

2.1.5 Metodologia de análise do diálogo literário

Ao analisarmos um diálogo literário, segundo Preti (2004), devemos levar em consideração:

a) A macroanálise da “conversação literária” definida por informações da enunciação, tais como: contexto histórico, características socioculturais, profissão, escolaridade, faixa etária e conhecimentos do analista em relação ao texto estudado. Neste caso, é preciso considerar as características dos interlocutores ou as condições que envolvem a interação.

b) A microanálise da “conversação literária” definida pelas informações fornecidas na situação de interação. São os traços de interatividade que ocorrem durante o diálogo. Dentre esses traços, temos as informações fornecidas pela situação de interação. Tratam-se dos elementos pragmáticos que precedem ou acompanham as falas: tratamentos gramaticais, sucessão de turnos, marcadores conversacionais e silêncios, os quais podem indicar proximidade/afastamento, clareza/ocultação, poder, conhecimentos partilhados, etc. (cf. *id.*, p.169).

Ainda com referência aos elementos que compõem a interação, as estratégias discursivas empregadas pelos interlocutores em sua conversação dependem não só dos fatores extralinguísticos a que nos referimos antes, mas também do processo interativo, razão por que tais estratégias são imprescindíveis na interação.

Podemos dizer que nesse tipo de análise será necessário levarmos em consideração os fatores extralinguísticos e os elementos pragmáticos da

situação de enunciação, como se os diálogos que serão analisados fossem um *corpus* falado transcrito.

2.2 O Processo Interacional: uma atividade social

O processo interacional exige do interlocutor a compreensão da linguagem social não mais concebida apenas como recurso entre os interlocutores para expressarem seus pensamentos ou transmitirem informações, mas, sim, como uma atividade social que modifica uma situação, fazendo com que o interlocutor reconheça a linguagem empregada nas mais variadas situações de comunicação.

Dessa maneira, a abordagem interacional permite verificar como os participantes da conversação, locutor e interlocutor, cooperam e compartilham as relações interpessoais organizadas no processo conversacional, ou seja, verificar o que está implícito durante o diálogo, com a finalidade de expor as intenções por parte dos interlocutores.

De acordo com Brait (2003, p.233), a organização interacional apresenta um conjunto de regras cuja finalidade é oferecer, aos participantes de uma situação interacional, determinados parâmetros de comportamento que estimulam ou prescrevem atitudes caracterizadoras de um intercurso conversacional. Os interlocutores cumprem regras, enquanto práticas da interação, com uma direção de negociação e intenção que caracteriza o diálogo.

A cooperação é uma característica de todo ato conversacional, uma vez que rompido os participantes do evento conversacional se veem numa situação conflituosa e insegura.

Ainda sobre essa questão, Kerbrat - Orecchioni (1966) afirma que toda interação verbal “pode ser concebida como uma sequência de eventos cujo conjunto constitui um “texto”, produzido coletivamente num contexto determinado” (Kerbrat-Orecchioni, 1996, p.62).

Numa interação, os participantes podem - se manter próximos ou distantes do contexto em que se realizam as ações. Kerbrat-Orecchioni afirma que as características internas e externas da interação são baseadas nos seguintes princípios:

- 1) Toda interação se desenrola num quadro e põe em presença determinadas pessoas, que possuem algumas características particulares e que entretêm um tipo de laço socioafetivo: são esses os dados externos (ou contextuais) da interação estabelecidos em seu início. 2) Nesse quadro, ocorrerá um certo número de eventos e será trocado um certo número de signos (verbais, paraverbais e não-verbais): são os dados internos. 3) Os comportamentos produzidos na interação são, com certeza, em grande parte determinados pelos dados externos; mas o importante aqui é que eles não o são totalmente: as pressões contextuais deixam aos interactantes uma certa margem de manobra (cuja extensão varia conforme o tipo de interação estabelecida). (*Id.* p.63-4)

De acordo com Kerbrat-Orecchioni, 1) um processo de interação coloca em presença determinadas pessoas que possuem características próprias e que se engajam num tipo de laço socioafetivo; 2) Nesse contexto, surge certo número de eventos que são trocados por signos verbais, paraverbais e não verbais; 3) o comportamento dos interactantes é construído de acordo com a situação da interação. Nesse caso, os papéis desempenhados pelos falantes são fundamentais na construção do ato interacional, pois os interactantes estão diretamente ligados a uma determinada situação comunicativa, o que, conseqüentemente, pode provocar mudanças em sua linguagem. Pode-se entender, então, que a interação é compreendida pelo contexto situacional, pela organização e pela estruturação das características linguísticas desenvolvidas pelos interlocutores, que visam a certa intenção durante o diálogo.

Em relação a essa concepção de interação, Brait considera as seguintes situações de interlocução:

- conversa informal, espontânea, travada entre amigos, conhecidos, sem preparação prévia;
- conversa informal, espontânea, travada entre desconhecidos, sem preparação nem tema definido (numa festa, num ponto de ônibus);
- conversa entre rivais ou adversários políticos;

- encontro institucionalizado, formal, com objetivos definidos, em situações e contextos caracterizados por normas convencionalizadas;
- conversa informal, travada entre amigos, mas com preparação prévia e tema determinado. (Brait, 2003, p.234-5)

Assim, a conversação pode ser desenvolvida, entre amigos, desconhecidos ou rivais, tendo ou não preparação prévia ou tema determinado. Nesse sentido, a conversação pode ser formal ou informal. Isso dependerá da situação de comunicação em que ela ocorre.

Diante dos aspectos mencionados, entendemos que toda conversação funciona dentro de uma determinada situação e com, pelo menos, dois interlocutores. Caso contrário, não ocorrerá o evento conversacional. Brait acrescenta que uma primeira constante na interação deve ser assinalada:

(...) a interação acontece, necessariamente, entre pelo menos dois falantes que se caracterizam como atores da interlocução e que vão se relacionar enquanto parceiros. Esses interlocutores revezam-se na condição de falante e ouvinte, ou seja, sujeito comunicante e sujeito interpretante. A primeira consequência a ser tirada dessa constante diz respeito à mecânica da interlocução: o sujeito interpretante não reconstrói pura e simplesmente as significações produzidas pelo sujeito comunicante. Sendo a interlocução aberta (há o revezamento de posições), cada um dos participantes interage parcialmente no projeto de construção de

sentido do outro. Isso significa dimensionar a interação verbal como uma **atividade cooperativa**, que implica um conjunto de movimentos coordenados da parte dos participantes e, ainda de acordo com Marcuschi, emergente da sequência troca interativa organizada. É provavelmente a partir dessa constatação que se pode definir a interação como negociação de sentido. (*Id.*, p.235, grifo da autora)

De acordo com a autora, ocorre a interação quando duas ou mais pessoas interagem e se relacionam, compartilhando conhecimentos de modo que haja cooperação organizada para haver compreensão, a saber, uma negociação de sentido.

Ainda sobre essa questão, Preti acrescenta:

Na análise de um processo interacional focalizado, numa conversação, ou mesmo em parte dela, pode-se observar a possibilidade de planejamento (ou replanejamento) dos falantes, bem como suas estratégias discursivas, ao longo da conversação, que podem resultar em sucesso ou não da argumentação; as possíveis manifestações de poder ou solidariedade entre os interlocutores, que podem refletir-se na simetria ou assimetria dos turnos; a colaboração mútua na realização do “discurso a dois”, observável até em nível de construção de enunciados; a conversação ou a perda da face, expressão social do eu individual, a fluência conversacional e a relação com os conhecimentos prévios ou compartilhados; as formas de tratamento e

as variações socioculturais da linguagem; o uso de narrativas ou a reprodução do discurso do outro; etc. (Preti, 2003, p.46)

Os participantes de uma interação tratam, ainda, mesmo que de forma inconsciente, de acionar seus conhecimentos e de agir em determinadas situações procurando, de alguma maneira, ser compreendidos e compreender o outro. A interação é um componente essencial de toda situação de comunicação e de todo ato linguístico. Ela faz parte do processo de construção dos sentidos e dos objetivos linguísticos no momento em que ocorre o enunciado. Dessa forma, a interação é definida como a influência mútua dos indivíduos sobre as ações uns dos outros de maneira imediata, com o objetivo de trocar informações numa prática do uso efetivo da língua.

2.3 Estratégias discursivas

Vimos anteriormente que a interação está ligada à situação comunicativa, ou seja, ela ocorre no momento em que dois participantes ou mais dialogam num determinado contexto, com propósitos a alcançar. Dessa maneira, a estratégia discursiva cumpre um papel fundamental na interação. Resulta de intenções que antecedem o ato conversacional ou de alterações ocorridas durante o seu andamento. Essas intenções podem ser reveladas, muitas vezes, pelo narrador, que traz as informações contextuais.

Diante disso, podemos afirmar que os participantes de um ato conversacional utilizam diferentes estratégias com objetivos intencionais. Tais

objetivos podem ocorrer no início ou durante o diálogo, dependendo das intenções que cada participante queira atingir na interação.

As estratégias discursivas fazem parte do ato conversacional, uma vez que elas dependem da situação em que ocorre o diálogo, da troca de conhecimentos entre os participantes e do comportamento deles durante a interação. O uso dessas estratégias torna-se importante para a construção de sentidos durante a interação. Preti explica que elas podem resultar de intenções que precedem o ato conversacional ou de alterações ocorridas, por ocasião de seu andamento:

São formas que os falantes planejam no início ou durante o andamento do diálogo para expressar ou não o que realmente pensam; para se fazerem compreender de uma maneira que lhes interessa; para ocultarem intenções não explícitas em seus atos; para revelarem sua aproximação ou afastamento do interlocutor; para buscarem compreensão ou entendimento; etc. (*Id.*, p.151)

Diante do exposto, as estratégias discursivas funcionam como táticas que os falantes utilizam durante o diálogo. Podem estar presentes na “conversação literária” como elementos que nos permitem compreender melhor o perfil psicológico dos interlocutores, seu real estado no diálogo, justificando as técnicas linguísticas que empregam para abordar certos temas, influir sobre o ouvinte, revelar poder ou submissão, dar realidade às palavras que escondem estados de espíritos muito diferentes do que parecem demonstrar (*id.*, p.152).

Observamos que as personagens do diálogo de ficção podem, na maioria das vezes, utilizar várias estratégias para se aproximar de um diálogo real, bem como para alcançar o objetivo que os interlocutores esperam no momento da interação.

As estratégias utilizadas pelos indivíduos, durante a interação, são táticas que servem para proteger sua imagem, funcionando também como “práticas defensivas” (cf. Goffman, 2007, p.22).

A questão da imagem na interação é fundamental, pois é a partir dela que o locutor empregará determinadas estratégias em relação ao seu interlocutor. Isso ocorre todas às vezes que tomamos a palavra, assumimos a condição de falante e mostramos nossa personalidade:

Todo ato de tomar a palavra implica a construção da imagem de si. Para tanto, não é necessário que o locutor faça seu autorretrato, detalhe suas qualidades, nem mesmo que fale explicitamente de si. Seu estilo, suas competências linguísticas e enciclopédicas, suas crenças implícitas são suficientes para construir uma representação de sua pessoa. Assim, deliberadamente ou não, o locutor efetua em seu discurso uma apresentação de si. Que a maneira de dizer induz a uma imagem que facilita, ou mesmo condiciona a boa realização do projeto, é algo que ninguém pode ignorar sem arcar com as consequências. (Amossy, 2005, p.9)

O locutor, dependendo da situação comunicativa, quer que prevaleça uma determinada imagem, a fim de manter uma determinada posição na interação. De fato, ocorre a interação toda vez que o falante coloca a língua em

funcionamento. Para que essa interação seja bem sucedida, é necessário que ambos mostrem uma imagem positiva. Logo, a interação cumpre uma função significativa, que é envolver o indivíduo na sociedade para representar a sua imagem social. Assim, a enunciação torna-se fundamental nos atos de fala, o que resulta no enunciado, que é narrado pela diversidade de pessoas. Benveniste explique que

o ato individual pelo qual se utiliza a língua introduz em primeiro lugar o locutor como parâmetro nas condições necessárias da enunciação. Antes da enunciação, a língua não é senão possibilidade da língua. Depois da enunciação, a língua é efetuada em uma instância de discurso, que emana de um locutor, forma sonora que atinge um ouvinte e que suscita outra enunciação de retorno. (Benveniste, 1989, p.81)

Convém observar que a enunciação é importante para a compreensão do enunciado, o eu, o aqui e o agora na interação comunicativa, já que as condições de produção do discurso (tempo, lugar e papéis desempenhados pelos interlocutores) contribuem para a compreensão do enunciado.

Em síntese, a enunciação deixa no enunciado marcas que indicam, ou seja, mostram como o enunciado é organizado e constituído. Desse modo, todo enunciado é produzido com dada intenção sob certas condições de produção e em diferentes situações de comunicação. Nesse sentido, os gêneros discursivos cumprem um papel fundamental, pois o locutor empregará

determinado gênero decorrente do objetivo a que ele visar no momento da interação.

Assim, cabe ao locutor assegurar ao seu interlocutor as características de um determinado gênero para que o ouvinte seja capaz de reconhecer a intenção que o locutor deseja atingir na interação.

2.4 *Frame e footing* na interação

Em qualquer situação *face a face*, os participantes empregam *frames* ou *footings* para organizar o discurso e a interação. Os *footings* dos participantes são organizados da maneira como eles gerenciam a produção ou a recepção do discurso. Segundo Goffman (2002, p.107), o *footing* representa o alinhamento, a postura e a posição do eu de um participante em relação com o outro, consigo próprio e com o discurso em construção.

Ainda com base nos estudos de *footing*, Goffman afirma:

Em qualquer situação *face a face*, os *footings* dos participantes são sinalizados na maneira como eles gerenciam a produção ou a recepção das elocuições. Os *footings* são introduzidos, negociados, ratificados (ou não), co-sustentados e modificados na interação. Podem sinalizar aspectos pessoais (uma fala afável, sedutora), papéis sociais (executivo na posição de chefe de setor), bem como intrincados papéis discursivos (o falante enquanto animador de um discurso alheio). (Goffman, 2002, p.107-08)

O conceito de *frame* está relacionado aos mecanismos cognitivos dos interlocutores, ou seja, como eles compreendem a linguagem a partir de pistas encontradas no texto oral ou escrito.

Preti, apoiado em Van Dijk (1992), afirma que

os *frames* têm ligações socioculturais e o desconhecimento das pistas que levam a eles ou a inexistência de modelos cognitivos (esquemas de conhecimento) pelos interlocutores poderá levar ao fracasso na interação. Por isso, o falante deve estar sempre atento para perceber se esses modelos pré-existentes estão sendo recuperados pelo ouvinte, tornando presentes os *frames* na interação. (cf. Preti, 2006, p.73)

O autor explica que a compreensão do discurso é o resultado dos conhecimentos que armazenamos na memória. Nosso conhecimento de mundo e a organização mental dele são essenciais para que possamos saber se nossos atos de fala foram atingidos ou não. Os *frames* possuem um caráter dinâmico, pois mudam constantemente durante a interação. E acrescenta:

Os *frames* num contexto podem surgir, desaparecer, ressurgir (*reframes*), numa sucessão necessária à interação, num contínuo processo de ativação dos modelos guardados em escaninhos da memória. (*Id.*, p.75)

Assim, os *frames* são modelos cognitivos reativados na memória que contêm uma série de pistas que favorecem o entendimento do discurso durante a interação. Podemos também dizer que os *frames* ou *enquadres* funcionam como conhecimentos armazenados na memória dos interlocutores, sendo ativados durante a interlocução.

Goffman acrescenta:

O enquadre situa a metagem contida em todo enunciado, sinalizando o que dizemos ou fazemos, ou como interpretamos o que é dito ou feito. Em outras palavras, o enquadre formula a metagem a partir da qual situamos o sentido implícito da mensagem enquanto ação. (Goffman, 2002, p.107)

Os *enquadres* ou *frames* funcionam como metagens que mantêm a organização e a interação dos falantes durante o diálogo. Sua finalidade é organizar a natureza discursiva e criar uma expectativa no discurso.

Os *frames* não incluem somente a variação do léxico e expressões estereotipadas ligadas a um único tema, mas a vários tipos de discurso. Assim, há várias expectativas de modelos fixados para o desenvolvimento de entrevistas, narração e dissertação, bem como de outras interações específicas, tais como história maliciosa, obscena, piada, confissão, etc. (cf. Preti, 2006, p.74).

2.4.1 *Frames* de narração

Conforme vimos no item anterior, os *frames* explicam as mudanças de falas e de linguagens no decorrer do diálogo. Como sabemos, os *frames* são modelos cognitivos armazenados na memória do indivíduo e utilizados no momento da interação. Eles possuem uma diversidade de tipos, tais como: agressividade, humor, malícia, crítica, avaliação.

Sobre essa questão, Preti afirma:

Esses *frames* caracterizam-se, não só pela presença de marcadores conversacionais (sabe, uma vez, um dia, isso me lembra, etc.) que iniciam histórias ou os fatos que comprovam o que estamos dizendo, mas também pela presença de outras características, como a dramatização, quando desejamos tornar presente, tornar vivo, um acontecimento passado. (Preti, 2006, p.79)

Esse autor explica que no processo dramático é comum ocorrerem às variações de ritmo, de entonação, altura de voz, sinais gestuais, risos, etc. Assim, quando encontramos uma narrativa durante a conversação, podemos entender que há uma necessidade de ficção por parte dos falantes para que eles atinjam certos objetivos na interação.

2.5 Papéis sociais, *status* e formas de tratamento

O conceito de papel é usado para representar o comportamento de um indivíduo em um determinado grupo social. Assim, o indivíduo pode participar de diferentes grupos sociais e ocupar inúmeras posições sociais. Cada indivíduo ocupa uma posição dentro de um grupo do qual faz parte. Esse grupo pode ser um grupo primário ou secundário:

Grupos primários são aqueles nos quais ficamos conhecendo intimamente outras pessoas como personalidades individuais. Isso ocorre através de contatos sociais que são íntimos, pessoais e totais, porque envolvem muitas partes da experiência de vida de uma pessoa. No grupo primário, como a família, “panela” ou conjunto de amigos íntimos, os relacionamentos sociais tendem a ser informais e descontraídos. (...) No grupo secundário os contatos sociais são impessoais, segmentários e utilitários. Não se tem interesse por outra pessoa como pessoa, mas sim como funcionário que está cumprindo um papel. O grupo secundário poderia ser um sindicato trabalhista, um clube de campo ou uma Associação de Pais e Mestres, ou poderiam ser duas pessoas negociando rapidamente sobre o balcão de uma loja. (Horton & Hunt, 1981, p.134)

O indivíduo pode, porém, pertencer a vários grupos sociais, como também ocupar várias posições sociais. Assim sendo, ao mesmo tempo poderá ser pai de família, professor, estudante e jogador, por exemplo. Segundo Preti, “a essas posições sociais definidas do indivíduo no grupo costuma-se chamar

status.” (cf. Preti, 2006, p.180). Para o autor, o *status* pode ser atribuído ou adquirido. No *status* atribuído podemos falar em razão do sexo (*status* da mulher casada), da idade (*status* de idoso), da raça (*status* do negro), da classe social (*status* do nobre). O nobre e o cavaleiro na sociedade antiga, por exemplo, possuíam um *status* atribuído que os acompanhava a vida inteira. O *status* adquirido é conquistado pelo mérito, pela busca de cargos elevados, que vai exigir do indivíduo certos comportamentos específicos (*id.*, p.180-1). Conforme o *status* que ocupa o indivíduo, ele deve subordinar-se a um comportamento, a um conjunto de regras, a posturas éticas, a uma linguagem, mas também a aspectos relacionados à representação física, tais como a aparência e o vestuário. A esse conjunto de normas dá-se o nome de papel social (*id.*, p.181).

Nas palavras de Robinson:

diferentes grupos subculturais podem ter definições diferentes do que seja comportamento adequado a determinados papéis, e os papéis permitem diferentes graus de liberdade individual quanto à sua interpretação; mas sempre há regras, escritas ou não-escritas, faladas ou não-faladas, genéricas ou específicas, difusas ou periféricas, que governam o comportamento de uma pessoa enquanto membro de uma categoria socialmente significativa. (Robinson, 1977, p.114)

Em qualquer encontro entre participantes, os traços linguísticos usados podem definir a natureza e o estado de sua relação entre papéis (*id.*, p.115). O desempenho de um determinado papel social pode trazer mudanças na

personalidade do indivíduo. Isso ocorre geralmente em papéis de posições sociais elevadas (cf. Preti, 2006, p.181).

Podemos entender que o indivíduo exerce vários papéis, dependendo da situação e da impressão que ele deseja transmitir para os outros:

A expressividade do indivíduo (e, portanto, sua capacidade de dar impressão) parece envolver duas espécies radicalmente diferentes de atividade significativa: a expressão que ele transmite e a expressão que ele emite. A primeira abrange os símbolos verbais, ou seus substitutos, que ele usa propositadamente e tão só para veicular a informação que ele e os outros sabem estar ligada a esses símbolos. (...) A segunda inclui uma ampla gama de ações, que os outros podem considerar sintomáticas do ator, deduzindo-se que a ação foi levada a efeito por outras razões diferentes da informação assim transmitida. (Goffman, 2007, p.12)

Entendemos que o indivíduo, no meio social, transmite informações que podem não ser verdadeiras a respeito da sua personalidade, com o fim de transmitir uma impressão de confiança às outras pessoas. Por certo, os outros constroem uma imagem positiva do indivíduo que, a princípio, parece ser verdadeira, mas depois poderá ser falsa. São os papéis que vão determinar a influência do indivíduo e os planos que ele vai formular na hora de atuar no meio social.

O conjunto de regras, os diferentes comportamentos, a linguagem empregada no desempenho de diferentes papéis sociais, tudo isso serve para

entendermos que o papel e o *status* fazem parte das normas e do grupo social:

A sociedade está organizada tendo por base o princípio de que qualquer indivíduo que possua certas características sociais tem o direito moral de esperar que os outros o valorizem e o tratem de maneira adequada. Ligado a este princípio há um segundo, ou seja, de que um indivíduo que implícita ou explicitamente dê a entender que possui certas características sociais deve de fato ser o que pretende que é. Consequentemente, quando um indivíduo projeta uma definição da situação e com isso pretende, implícita ou explicitamente, ser uma pessoa de determinado tipo, automaticamente exerce uma exigência moral sobre os outros, obrigando-os a valorizá-lo e a tratá-lo de acordo com o que as pessoas de seu tipo têm o direito de esperar. Implícitamente também renuncia a toda pretensão de ser o que não aparenta ser, e portanto abre mão do tratamento que seria adequado a tais pessoas. Os outros descobrem, então, que o indivíduo os informou a respeito do que é e do que eles *devem* entender por “é”. (Goffman, 2007, p.21)

A sociedade possui suas regras de conduta que controlam e orientam o comportamento das pessoas, indicando o que é permitido e o que não é. Existem sociedades que são mais rígidas do que outras. Assim, a sociedade tende a organizar os papéis sociais de acordo com a separação de classes, podendo ser estruturadas de diferentes modos em diferentes épocas.

O *status* e o papel estão atrelados, uma vez que o indivíduo que possui certo *status* desempenha um determinado papel. A sociedade exige do indivíduo, em algumas situações, uma diversidade de papéis que ele deve desempenhar. Isso ocorre porque há inúmeras atividades que organizam e constituem a sociedade. Então, cabe à pessoa que ocupa um papel ter uma determinada conduta que deve ser seguida para que o outro o aceite socialmente. Uma pessoa que ocupa o *status* de pai não deve ter a mesma postura quando se apresenta diante da sua esposa ou em suas atividades profissionais.

Nas sociedades antigas, o indivíduo desempenhava poucos papéis, porém muito bem definidos. Já nas sociedades contemporâneas um indivíduo pode ocupar inúmeras atividades ao mesmo tempo. “Assim, um homem de negócios pode ser um líder sindical, um político; uma dona de casa pode ser ao mesmo tempo, uma professora, etc.” (cf. Preti, 2006, p.182).

Os papéis sociais, também, estão relacionados às formas de tratamento, que são representadas pela maneira como os interlocutores se tratam nas diferentes relações sociais, no intuito de verificar como se processa a interação verbal, pois sabemos que o indivíduo estabelece interação com outras pessoas. Assim, a sociedade está vinculada à linguagem, e as formas de tratamento fazem parte das regras que regulam o comportamento das pessoas em uma sociedade. De acordo com Preti (*id.*, p.184), “as formas de tratamento estão ligadas a fatores diversos, como intimidade, solidariedade, polidez, afetividade, reverência, hierarquia e poder”. Robinson afirma que as formas de tratamento são definidas como “aquilo de que uma pessoa chama a outra e o que isso significa”. (*id.*, p.116)

Preti explica as formas de tratamento:

Em português, o sistema de tratamento pode ser representado:

1) por formas pronominais, ou seja, pelos pronomes pessoais (tu, vós); 2) por formas pronominalizadas, isto é, com valor de pronomes pessoais (*você, o senhor, Vossa Excelência, Vossa Senhoria* e suas variações); 3) por formas nominais, constituídas por nomes próprios, prenomes, nomes de parentesco ou equivalentes, antecidos de artigo, uso praticamente restrito ao português de Portugal ou, ainda, por uma grande variedade de nomes empregados como vocativos ou formas de chamamento. (Preti, 2004, p.184-5)

O uso de algumas formas de tratamento está relacionado ao *status* e ao papel social que o indivíduo desempenha nas diferentes situações comunicativas, bem como ao equilíbrio que deve haver entre os participantes no intuito de preservar a imagem social. Alguns usos podem se fixar por um tempo maior, enquanto outros se perdem rapidamente em consequência das transformações sociais e culturais. Mas sabemos que hoje a sociedade mudou, pois o homem moderno busca comportamentos iguais para todos os indivíduos com a quebra do formalismo e da diferença de classes do tempo passado:

Hoje, talvez por uma estratégia de melhor comunicação (ou do prestígio de uma filosofia de vida jovem, com acentuada perda de formalidade), o mundo contemporâneo assiste a um progressivo desaparecimento de formas de tratamento indicativas de poder, o que mostra uma contínua luta do homem moderno contra as

forças hierarquizadoras, ainda que elas persistam e se imponham por outros comportamentos sociais e políticos, talvez até muito mais discriminatórios. (*id.*, p.186)

No Brasil, com o advento da modernidade e da democracia nas formas de tratamento, *você* e *o senhor*, há uma quebra de formalidade:

Você também se emprega, fora do campo da intimidade, como tratamento de igual para igual ou de superior para inferior. É este último valor, de tratamento igualitário ou de superior para inferior (em idade, em classe social, em hierarquia), e apenas este, o que *você* possui no português normal europeu, onde só excepcionalmente – e em certas camadas sociais altas – aparece usado como forma carinhosa de intimidade. No português de Portugal, não é ainda possível, apesar de certo alargamento recente do seu emprego, usar *você* de inferior para superior, em idade, classe social ou hierarquia. (Cunha & Cintra, 1985, p.284)

Você, no Brasil, é mais usado para mostrar intimidade. O uso das variações de tratamento implica nas relações de poder que o indivíduo deseja alcançar na interação. Preti explica que “podem ser incluídas todas as formas pronominalizadas, com exceção de *você*: *vossemecê*, *o senhor*, *a senhora*, *a senhora Dona*, *o senhor Dr.*, *o cavalheiro*, *V.Exa.*, *V.Sa.*, *o Deputado*, etc” (*op. cit.*, p.187). Todas essas variações exprimem respeito, hierarquia e

superioridade, sendo usadas de acordo com o *status* atribuído ao indivíduo ou adquirido por ele.

De acordo com Robinson (1977), apoiado no pensamento de Brown (1965), podemos falar na semântica do poder (*power semantic*) e na semântica da solidariedade (*solidary semantic*) para mostrar as formas de tratamento que são marcadas pela posição social dos falantes.

Conforme o autor citado acima (*op. cit.*, p.23), a semântica do poder está associada à assimetria das formas de tratamento. Em nossa sociedade, essas diferenças são marcadas de acordo com o *status* do indivíduo. Nas relações assimétricas, o indivíduo em posição superior utilizará a forma *você*, ao passo que na posição inferior, empregará a forma *o senhor*.

A semântica da solidariedade está relacionada com a indicação de intimidade e solidariedade entre os falantes. Considerada como relação simétrica, pois os tratamentos são recíprocos, o que quer dizer que se processam entre iguais, como, por exemplo, a forma *você* ou a forma *o senhor* usadas entre pessoas que possuem o mesmo nível de poder.

As formas de tratamento fazem parte das regras sociais que regulam os comportamentos adequados ou inadequados dos indivíduos no meio social. Assim, os indivíduos, durante a interação, passam a ter um determinado objetivo para obter êxito na conversação, o que dependerá de elementos linguísticos adequados a cada situação de comunicação.

Dessa forma, podemos perceber como as situações de comunicação explicam o uso de uma forma pronominalizada ou de outra que acompanha os

papéis sociais e o *status* do indivíduo. Com base nessa questão, Silva acrescenta:

A linguagem é um veículo para a interação com outras pessoas, por isso é utilizada diariamente e, muitas vezes, as pessoas não reconhecem o quanto ela é importante. Como não se pode desvincular a linguagem da sociedade, é preciso conhecer o conjunto de normas que regulam esses comportamentos. As formas de tratamento fazem parte dessas regras sociais que sancionam determinados comportamentos como adequados ou inadequados. (Silva, 2003, p.173)

Entendemos que a língua faz parte de um conjunto de meios de interação simbólica que corresponde aos princípios do indivíduo na sociedade, pois sabemos que a sociedade exige das pessoas várias representações de papéis, justamente pelo fato de as pessoas viverem em interação constante com outros indivíduos na vida cotidiana.

Assim, o papel representado pelo indivíduo varia de acordo com seu *status*. Por isso, alguns deveres, obrigações e linguagem devem-se ao *status* que a pessoa ocupa no meio social.

2.6 Preservação da *face* e *polidez*

A linguagem é o meio pelo qual um indivíduo se comunica com outro para que haja interação. Isso ocorre porque não podemos desvincular linguagem da sociedade, devido ao conjunto de normas que regulam o comportamento das pessoas no meio social. Assim, a interação cumpre um papel fundamental na construção de sentido de todo ato de linguagem praticado pelos indivíduos.

Brait acrescenta:

A abordagem interacional de um texto permite verificar as relações interpessoais, intersubjetivas, veiculadas pela maneira como o evento conversacional está organizado. Isso significa observar no texto verbal não apenas o que está dito, o que está explícito, mas também as formas dessa maneira de dizer que, juntamente com outros recursos, tais como entoação, gestualidade, expressão facial etc., permitem uma leitura dos pressupostos, dos elementos que mesmo estando implícitos se revelam e mostram a interação como um jogo de subjetividades, um jogo de representações em que o conhecimento se dá através de um processo de negociação, de trocas, de normas partilhadas, de concessões. (Brait, 2003, p.220-1)

A interação é um componente fundamental para estabelecer as relações sociais e mostrar como a conversação está sendo organizada. Nesse sentido, a conversação é compreendida de maneira que os indivíduos se entendam e

se relacionem entre si por meio do que está sendo dito nesse evento interacional.

Urbano afirma:

A interação verbal é mesmo um componente conceitual do discurso, sendo ele o produto da interação de dois indivíduos que se organizam socialmente, o que leva a aceitar que, corolariamente, a dialogicidade está sempre presente em qualquer discurso e que a interação é uma atividade cooperativa, estabelecendo-se uma cumplicidade de ações coordenadas, complexas e intecambiadas entre os participantes, gerando, na realidade, sobretudo na conversação, um “produto textual coletivo”. (Urbano, 2000, p.89)

Entendemos que a interação é uma atividade coletiva, uma vez que é realizada entre, pelo menos, dois participantes. Ou seja, a interação está presente em todas as situações de comunicação, desde uma conversa informal, natural e tensa, até em discursos formais, dinâmicos e cultos.

Assim, no momento em que o indivíduo interage com o outro, ele estabelece uma dimensão social. Urbano (*id.*, p.91), apoiado em Goffman (1972), esclarece que o indivíduo, quando mantém envolvimento com outro, “deve ter em conta a preocupação com a *face*, que é a expressão social do eu individual”.

Goffman (*apud* Galembeck, 1999, p.174) afirma que “o fato de alguém entrar em contato com outros constitui uma ruptura de equilíbrio social pré-existente, e assim representa uma ameaça à autoimagem pública construída pelos participantes da conversação”.

A *face* social é definida como algo que possuímos de pessoal. Trata-se apenas de um empréstimo que fizemos à sociedade. Podemos vir a perdê-la, caso não nos comportemos de modo a merecê-la. Desse modo, ao expor nossa *face* buscamos frequentemente estender nossas relações sociais. Isso pode ser verificado quando uma pessoa inicia uma interação *face a face*. Nesse momento já ocorre um tipo de relação entre os interactantes. Ou seja, espera-se que os participantes tenham consideração uns com os outros, que envidem esforços para salvar e proteger também a *face* alheia.

Dessa maneira, podemos entender que o sujeito, quando está em contato *face a face*, apresenta sua imagem ou seu valor social diante dos outros. Silva (2008, p.168) afirma que “os seres humanos vivem em um universo de contatos sociais com outros indivíduos. Quando se entra em contato com outra pessoa, existe a preocupação de preservar a autoimagem pública”.

Podemos dizer que um interlocutor pode preservar sua imagem dependendo do que acontece na interação e dos valores sociais e morais que a pessoa possui. Quando um indivíduo sente que perdeu a *face*, ele se percebe com precária reputação na sociedade e diante dos outros participantes do evento conversacional.

Diante disso, Goffman acrescenta:

Geralmente, a manutenção da face é uma condição da interação, não seu objetivo. Objetivos usuais, como obter uma face para si mesmo, dar livre expressão a suas crenças verdadeiras, introduzir informação depreciativa sobre outros, ou resolver problemas e desempenhar tarefas, são tipicamente perseguidos de forma a serem consistentes com a manutenção da face. Estudar o modo como as pessoas salvam faces é estudar as regras de trânsito da interação social; aprende-se acerca do código ao qual a pessoa adere no seu movimento através dos caminhos e esquemas de outros, mas não para onde ela se dirige, ou por que quer chegar lá. (Goffman, 1980, p.82)

Goffman (1967), citado por Silva (2008, p.168), acrescenta aos seus estudos que o termo *face* provém de expressões do inglês, como *to save the face* (salvar a honra ou a aparência) e *to lose the face* (perder a face, a reputação).

A interação assume um papel fundamental na manutenção ou na preservação da *face* do falante justamente por ser definida como a influência que os indivíduos têm sobre as ações uns dos outros no evento conversacional. Nesse sentido, a interação pode ocorrer em qualquer ocasião ou circunstância no momento em que os indivíduos se encontram em presença um do outro.

Nesse conceito de interação e imagem social do falante no momento da interação verbal, notamos a presença de um sistema de regras, práticas e convenções que são empregadas durante os diálogos e funcionam como um monitoramento da organização das mensagens. Esse monitoramento decorre não só do falante, mas do ouvinte também. Ambos se monitoram durante o diálogo, criando a imagem que cada falante deseja manter e sustentar diante do outro.

A preservação da *face* torna-se algo importante porque, no desenrolar do diálogo, há uma necessidade constante de preservar a autoimagem e a imagem do outro:

(...) é algo em que há investimento emocional e que pode ser perdida, mantida ou realçada e deve ser constantemente cuidada numa interação. Em geral, as pessoas cooperam (e pressupõem a cooperação mútua) na manutenção da face na interação, sendo essa cooperação baseada na vulnerabilidade mútua da face. Isto é, normalmente a face de qualquer um depende da manutenção da face de todos os outros e, como se pode esperar que as pessoas defendam suas faces quando ameaçadas, e, ao defender suas próprias faces ameaçam a face dos outros, geralmente é de interesse de cada participante manter a face do outro, isto é, agir de forma a assegurar aos outros participantes que o agente está atento às pressuposições relativas à face ameaçada. (Brown & Levinson, 1978, p.6)

Brown e Levinson (1978) retomam a ideia de *face* nos estudos de Goffman (1970), segundo eles todo indivíduo tem uma *face* positiva, externa, aquela que o indivíduo apresenta socialmente e deseja que seja preservada pelos demais; e uma *face* negativa, interna, aquela que o indivíduo não deseja mostrar, pois isso representaria uma invasão da sua privacidade. Por isso deseja preservá-la:

Goffman designa *face* a expressão social do *eu* individual; o mesmo A. designa por *processos de representação (face-work)* os procedimentos destinados a neutralizar as ameaças (reais ou potenciais) à *face* dos interlocutores ou a restaurar à *face* dos mesmos. (Galembeck 1999, p.174, grifo do autor)

Silva (2008), apoiado no conceito de Brown e Levinson (1987), acrescenta à noção de *face* positiva e negativa:

- *Face positiva*: refere-se ao desejo de que a autoimagem seja aprovada e valorizada. É o desejo de aprovação social; refere-se à necessidade que todo indivíduo tem de ser aceito, de ser tratado como membro de um grupo, de saber que seus próprios desejos são compartilhados pelos interlocutores.

- *Face negativa*: refere-se à necessidade que todo indivíduo tem de ser independente, de ter liberdade de ação e de não sofrer imposição. Envolve a contestação básica aos territórios, reservas pessoais e direitos; em outras palavras, a liberdade de ação e liberdade de sofrer imposição; o desejo que as pessoas têm de

não serem controladas. É o desejo de não ser impedido em suas ações, por isso a preservação da face negativa implica a não imposição do outro. (Silva, 2008, p.179)

Mainueneau (2008, p.38) afirma que a *face* negativa corresponde ao “território” de cada um (corpo, intimidade etc.) e a *face* positiva à “fachada” social, à nossa própria imagem valorizada que tentamos apresentar no relacionamento com os outros.

Silva (2006) apresenta um resumo dos estudos de Marcuschi (1989), considerando quatro atos que ameaçam as *faces*:

- 1- **Atos que ameaçam a face positiva do ouvinte:**
desaprovação, insultos, acusações;
- 2- **Atos que ameaçam a face negativa do ouvinte:** pedidos, ordens, elogios;
- 3- **Atos que ameaçam a face positiva do falante:** auto-humilhação, autoconfissões;
- 4- **Atos que ameaçam a face negativa do falante:** agradecimentos, escusas, aceitação de ofertas. (Silva, 2006, p.113-4, grifo do autor)

Os participantes de uma interação sempre estão preocupados em preservar sua *face* para manter determinado valor social e não prejudicar a

imagem do outro. Caso haja uma invasão de território por parte de um dos participantes, haverá a perda da *face*. Assim, em algumas situações, os interlocutores são constantemente levados a buscar um acordo, isto é, uma negociação com o objetivo de procurar um meio de preservar sua própria *face* sem ameaçar a de seu parceiro. Em razão disso, desenvolve-se um conjunto de estratégias discursivas para encontrar um ponto de equilíbrio entre essas exigências contraditórias:

A necessidade de preservação da *face* torna-se particularmente relevante em determinadas situações, nas quais o falante se expõe de forma direta: pedidos, atendimento de pedidos ou recusa em fazê-lo, perguntas diretas e indiretas, respostas, manifestação de opiniões. Cabe acrescentar que a preservação da *face* deve ser necessariamente considerada em relação ao quadro geral da interação, e não como uma atitude isolada do falante. (Galembeck, 1999, p.174)

A preservação da *face* estabelece uma relação com o lado social da interação, pois os interlocutores estão sempre preocupados em negociar durante a conversação. Assim, para manter as relações sociais equilibradas, os interactantes do ato conversacional usam a estratégia da *polidez*.

Goffman, Brown e Levinson (1987) desenvolveram a teoria da *polidez*, que apresenta um conceito de comportamento social polido ou etiqueta dentro de cada cultura. Essa teoria consiste na estratégia que os interlocutores utilizam para preservar a *face* positiva deles durante a interação. Dentre as diferentes

perspectivas de abordagem sobre o assunto, interessa-nos aqui a teoria da *polidez* dentro do quadro geral do estudo da preservação da *face*.

A *polidez* na interação tem a função da melhoria das relações afetuosas, funcionando como técnicas para equilibrar e manter a preservação de um caráter harmonioso das relações interpessoais.

Brown e Levinson (1987), citados por Kerbrat-Orecchioni (1996), definem *polidez*:

A noção de “polidez” é aqui entendida em sentido amplo, recobrando todos os aspectos do discurso que são regidos por regras cuja função é preservar o caráter harmonioso da relação interpessoal. Veremos que a polidez assim concebida ultrapassa amplamente as famosas “fórmulas” apreciadas, os apelos manuais de convivência e etiqueta. (Kerbrat-Orecchioni, 2006, p.77)

São raras as interações simétricas em que não há ameaça às *faces* dos interlocutores. As relações assimétricas sempre apresentam um frágil equilíbrio, pois subjacentes a elas estão relações de poder e disputa. Mas se esse equilíbrio for quebrado, o falante pode adotar procedimentos de *face work* e neutralizar previamente os atos ameaçadores às *faces*, adotando estratégias de atenuação e, dando à interação um melhor direcionamento durante o diálogo.

Vimos, pois, que a *polidez* pode estar ligada ao mecanismo de preservação da *face*, uma vez que tem por objetivo manter a harmonia e o equilíbrio na interação. Isso acontece para que os interactantes preservem sua *face*.

Associando as noções de *face* e *polidez*, Galembeck afirma:

Essa associação torna-se particularmente produtiva quando a polidez não é associada unicamente a fórmulas previsíveis e vazias, mas à busca do que é mais socialmente aceitável e adequado a cada situação. O conceito de polidez, dessa forma, deve ser considerado de forma dinâmica, pois a imagem de si e do outro e a simetria nas relações não são dados prévios, mas constroem-se no decurso da própria interação. (Galembeck, 2008, p.333) Durante a interação, os interlocutores têm por objetivo atenuar sua *face* empregando recursos linguísticos que, muitas vezes, são marcadores conversacionais. Assim, os interactantes usam recursos linguísticos que marcam envolvimento ou distanciamento durante a interação.

Trataremos, seguindo Galembeck (1999), dos procedimentos de envolvimento e de distanciamento com a denominação de marcadores conversacionais, pois são fundamentais para que haja interação e construção dos sentidos no texto conversacional.

a) Procedimentos que marcam o envolvimento do locutor

O locutor com a necessidade de preservar a *face* pode, em algumas situações, utilizar marcadores que atenuem sua imagem social. Dessa forma, esses procedimentos assinalam e envolvem o leitor durante a interação, ou seja, o locutor incorpora os conceitos emitidos e assume, ainda que parcialmente, as próprias opiniões. Em textos conversacionais, o emprego desses recursos são mais frequentes que os marcadores de afastamento (cf. Galembeck, 1999, p.181).

Com o objetivo de preservar a *face*, os procedimentos de envolvimento do locutor podem se manifestar como marcadores de opinião, marcadores “*hedges*”, alusão a terceiros e paráfrases.

Assim, neste trabalho, não trataremos da alusão a terceiros e das paráfrases, uma vez que julgamos não serem pertinentes em nossa presente pesquisa.

a1) Marcadores de opinião

Os marcadores de opinião podem ser os verbos na primeira pessoa do singular (*acho, creio, suponho, vejo, noto*) e certas expressões adverbiais (*na minha opinião, no que me diz respeito* e similares) (cf. Galembeck, 1999, p.182).

a2) Marcadores “*hedges*”

Os marcadores *hedges* são usados para atenuar a responsabilidade do locutor diante da situação e preservar a sua própria *face*.

Segundo Galembeck, apoiado nas ideias de Brown e Levinson (1987), “os *hedges* são os marcadores que, de qualquer forma, modificam o valor ilocutório de um enunciado” (*id.* p.186).

Interessam-nos os marcadores de opinião, principalmente aqueles que funcionam como os atenuadores, modificando a força do enunciado (*assim, quer dizer, digamos, vamos dizer, etc.*) e os que exprimem dúvida (*ibid.* p.186).

Há também os *hedges* que denotam incerteza: *talvez, quem sabe, sei lá, não sei*. Essas expressões diminuem a força ilocutória dos enunciados opinitivos, fazendo com o que locutor não se comprometa com os juízos emitidos (*id.*, p.187).

b) Procedimentos que marcam o distanciamento do locutor

Nos atos conversacionais, o emprego desses procedimentos torna-se relevante, pois os interlocutores sabem que a manifestação direta de opiniões pode torná-los vulneráveis a críticas e opiniões contrárias. Esses procedimentos promovem o apagamento das marcas de enunciação, sendo obtidos pelo uso de determinados recursos: *é possível que, parece que, é provável que*. O mesmo ocorre com os recursos que marcam a indeterminação do sujeito (*dizem que, falam que, diz-se que*) e também com os marcadores de rejeição (*não sei, não me engano*) (cf. Galembeck, 1999, p.175-6).

b1) Indeterminação do sujeito

São os marcadores: *dizem que, falam que, diz-se que*. Esses procedimentos denotam resguardo e afastamento do locutor em relação aos conceitos emitidos. Este recurso pode ser usado como estratégia de preservação da própria *face*, marcando afastamento e distanciamento no diálogo.

b2) Marcadores de rejeição

São as frases fixas (*que eu saiba, não sei se, se não estou enganado* e outras semelhantes). Elas limitam ou neutralizam as possíveis reações desfavoráveis ou interpretações contrárias e prejudiciais por parte do interlocutor (*id.*, p.178).

Sobre esses marcadores, Galembeck afirma:

Os marcadores de rejeição são expressões que indicam uma antecipação do falante na tentativa de impedir possíveis reações desfavoráveis, como, por exemplo, opiniões contrárias às suas. Geralmente são utilizados como prefaciadores de enunciados. (Galembeck, 2008, p.348)

Os falantes procuram adotar diversas atitudes na construção dos diálogos, fazem uso de determinados elementos para manter ou preservar sua imagem. Assim, a *face* não é apresentada como estável ou permanente, mas como um caráter alterado durante a interação, sendo passível de ser ameaçado, protegido, recuperado ou salvo.

3. ESTRATÉGIAS INTERACIONAIS EM O CASAMENTO DE NELSON RODRIGUES

A língua é a forma mais refinada de comunicação entre os indivíduos de uma determinada comunidade. Trata-se de um modo de ação interindividual orientado por uma finalidade específica, ou seja, um processo de interlocução que se realiza nas práticas sociais existentes e nos diferentes grupos de uma sociedade, bem como nos distintos momentos da sua história. Assim, a língua é um sistema de signos histórico e social que possibilita ao homem entender o mundo e a realidade.

Partindo desse conceito de língua, analisaremos trechos de *O casamento* que apresentam exemplos de interação na comunicação, a fim de observarmos, nas falas das personagens, enunciados usados para sustentar a posição social de cada personagem e seus devidos argumentos.

Daremos início a nossa análise, examinando o *frame* e o *footing* na interação, em seguida os papéis sociais, *status* e as formas de tratamento, a preservação da *face* e a *polidez*, bem como os marcadores conversacionais que têm a função, na interação, de proteger a autoimagem pública.

Nas análises a seguir, trataremos dos diálogos do romance como se eles fossem reais. Para tanto, pretendemos demonstrar os recursos da língua oral no diálogo, com base na teoria exposta.

3.1 *Frame e footing* na interação

Os exemplos, a seguir, referem-se a um problema interacional que ocorre entre os falantes quando há uma quebra de expectativa linguística por parte de uma das personagens em relação à outra. Por exemplo, Sabino, empresário, pai de Glorinha, trata o médico Camarinha, amigo da família, com uma postura inadequada na situação.

Observamos que Camarinha, médico da família, ao chegar ao escritório de Sabino para tratar de assuntos pessoais, é recebido de maneira pouco respeitosa. Sabino estava se despedindo ao telefone:

Exemplo 1

.....

— O Dr. Camarinha acaba de chegar. Depois telefono. Mas olha, olha. Não esquece a minha baba-de-moça. Quero baba-de-moça. Um beijo.

Desliga e levanta-se:

— Como vai essa figura?

O outro tem o riso pesado:

— Não tão bem como V. Ex^a. Mais ou menos. (p.22)

Nesse contexto, observamos a postura de Sabino ao receber o médico. Há uma mudança de *footing*, conforme propõe Goffman (2002), pois o papel social do empresário Sabino e sua devida postura cria um impacto em Camarinha, inclusive ocorre um riso, para disfarçar a situação.

A noção de *frame* está ligada aos mecanismos cognitivos que são reativados na memória e influem no processo de compreensão do discurso (cf. 2.4). No diálogo a seguir, podemos verificar um *frame* de narração quando Zé Honório, amigo do filho de Camarinha, relata à Glorinha um fato passado de sua vida, tornando-o presente naquele momento da interação:

Exemplo 2

— É o seguinte, seguinte. Um dia, o meu pai chegou em casa mais cedo. Chega mais cedo e passa ao meu quarto. Entra de repente. Eu tinha 12 anos. Entra e me vê com um garoto, um pouco maior do que eu. Os dois nus. Eu era a mulher do outro. O velho tirou o sapato e correu com o garoto às sapatadas. (p. 143)

.....

— O velho não me largou nunca mais. Uma vez, me esbofeteou na mesa: — “Não fala fino. Fala como homem!” (p.144)

De fato, Zé Honório inicia sua narração com uma afirmativa: “É o seguinte, seguinte. Um dia, o meu pai chegou em casa mais cedo”. Em seguida, narra todo o acontecimento e a passagem mais importante dessa história, mostrando sua causa e sua consequência.

Com o objetivo de tornar sempre presente esse acontecimento, Zé Honório utiliza outro *frame* de narração em outra passagem mais adiante: “Uma vez, me esbofeteou na mesa”. Esses fatos se realizam como justificativa para a vingança dele em relação ao pai. Zé Honório ressalta com esses marcadores

conversacionais (*um dia, uma vez*) que, em geral, são iniciadores de histórias, o que o locutor relata durante a interação, desejando tornar vivo um acontecimento do passado que marcou a sua vida, o que contribui para o efeito de sentido de naturalidade na interação comunicativa, pois o discurso de Zé Honório é cheio de detalhes e descrições.

No próximo diálogo, podemos observar outro *frame* de narração no momento em que Antônio Carlos, filho do médico Camarinha, estava sozinho com Glorinha, tentando provar que ele era uma pessoa boa:

Exemplo 3

— Eu tinha quatro anos. Vê bem a idade. E, um dia, apareceram quatro ceguinhos, na esquina, tocando violino. Geralmente, o cego toca harmônica. Mas esses tocavam violino. Compreendeu? E aquilo me deu uma tristeza! Você acredita que eu fui pra cama de tristeza, de pena? Com quatro anos! Você acha que um sujeito assim é mau? Diz, diz.”
(p.169)

Antônio Carlos, filho do Dr. Camarinha, inicia o diálogo contando um acontecimento de quando era criança. Portanto, usa um marcador que indica tempo passado: “E, um dia, apareceram quatro ceguinhos”. Em seguida, faz várias perguntas retóricas com a função interativa de prender e segurar o interlocutor durante a conversação. “Compreendeu? E aquilo me deu uma tristeza! Você acredita que eu fui pra cama de tristeza, de pena? Com quatro anos! Você acha que

um sujeito assim é mau?”. Essas perguntas retóricas funcionam, também, como estratégia para deixar o outro comovido com sua inocência.

Na cena abaixo, a interação se dá entre patrão e empregada, mas em uma situação amorosa, pois Sabino está em momento íntimo com a secretária. Dessa forma, utiliza um *frame* de narração, pois deseja tornar vivo o acontecimento passado em sua memória. Portanto, inicia o diálogo da mesma maneira que se iniciam as histórias em geral, com o marcador *uma vez*, que tem por objetivo dramatizar um acontecimento passado, tornando-o verídico e chamando a atenção do interlocutor:

Exemplo 4

— Uma vez, quando eu era garoto, eu e um menino fomos tomar banho juntos. Banho de rio, no Trapicheiro. Eu tinha 12 anos ele, 14. O menino era mais forte do que eu. Tiramos a roupa. E, então ele me agarrou. (p.80)

No próximo exemplo, observamos um *frame* de reprodução da voz do outro. Monsenhor numa conversa com Sabino relata a história de uma menina que apareceu na sacristia:

Exemplo 5

Monsenhor pára na calçada:

— Ou será melhor não continuar e ficar por aí?

— O senhor é quem sabe.

— Não, não. Já comecei, vou até o fim. Mas entende? Tudo aconteceu na minha sacristia. Outro dia, o fato é recentíssimo. Veja você: eu conheço o pai, a mãe, e a família toda. A garota chegou quando eu já ia sair. Chegou e disse:

— “Eu preciso muito falar com o senhor”. Não desconfiei de nada. A menina estava calmíssima. Como já era tarde, saí um momento e fui despachar o meu secretário, aquele rapaz. (p.206)

Observamos que os falantes na conversação desejam atingir determinados objetivos na interação. Para isso utilizam alguns modelos cognitivos.

Sobre essa questão de reproduzir a voz do outro, Preti afirma:

A reprodução do discurso do outro, procurando-se imitar seu ritmo, altura e tom de voz, empregando recursos expressivos para tornar o texto presente na interação, usando o riso ou uma voz que indique comicidade, crítica, aversão, etc. em relação à pessoa citada, pode caracterizar bem um *frame* de narrativa, ainda quando encaixado numa dissertação. (Preti, 2006, p.80)

Há uma mistura de *frame* de narração com *frame* da reprodução do discurso do outro. No *frame* de narração (“Tudo aconteceu na minha sacristia. Outro dia, o fato é recentíssimo.”), o Monsenhor inicia o diálogo com uma narrativa que passa para o *frame* da reprodução do discurso do outro: “—‘Eu preciso muito falar com o senhor’”. Nesse momento, o clérigo imita a fala da moça que veio à

sacristia, observando, inclusive, o comportamento, ou seja, que ela estava muito calma.

Ele reproduz o discurso do outro, a entonação, ou seja, inicia um *frame* de dramatização para trazer a presença de outra pessoa e preservar a própria imagem, com o objetivo de transparecer seriedade e ausentar-se da responsabilidade do papel de clérigo da igreja.

3.2 Papéis sociais, *status* e formas de tratamento

O ser humano vive em contato social com o outro para ampliar as relações sociais. Dessa maneira, a sociedade é organizada por diversos fenômenos, em que as pessoas se apresentam com sua própria personalidade ou por papéis sociais diferentes.

O indivíduo possui, no meio social, diversas obrigações. Concebe ideais porque é um ser social. Esses ideais resumem a vida social, que se constitui por forças coletivas e morais. No entanto, a sociedade impulsiona ou obriga a pessoa a erguer-se acima de si mesma, e é ela também que para tanto lhe fornece os meios.

A linguagem é essencial no desempenho dos diferentes papéis sociais. De acordo com Goffman (2007), cada pessoa se insere em vários modelos de representação social, uma vez que cada personagem desempenha um determinado papel social. Quando um indivíduo representa um papel social, solicita a seus interlocutores que levem a sério a impressão de que deve ser

sustentada diante deles. Dessa forma, importante se faz que a personagem possua os atributos que aparenta ter, bem como mostre seu desempenho social como reais.

O papel representa o comportamento do homem na sociedade, constituindo-se na maneira como ele estabelece relações sociais com outros indivíduos. Preti, baseado em Horkheimer & Adorno, acrescenta:

O conceito de representação dramática de papel refere-se a um esforço consciente para desempenhar um papel de um modo que produza uma certa impressão almejada entre os circunstantes. A conduta é regulada não apenas conforme os requisitos do papel funcional, mas também de acordo com o que o público espera. (Preti, 2004, p.181)

Nos diálogos a seguir, Sabino, cada vez mais preocupado com o casamento da filha Glorinha, abre-se com a secretária Noêmia no escritório, contando-lhe sua vida particular:

Exemplo 6

.....

— Noêmia — e retificou — D. Noêmia, hoje, eu vou dar, ao meu genro, um cheque de cinco milhões. Mas é segredo. Lá em casa, ninguém pode saber. (p.19)

.....

Observamos que Sabino representa determinado comportamento, que varia em função do grupo ao qual pertence. Por isso, utiliza pronomes de tratamento que conduzem o discurso em uma determinada direção, de acordo com os objetivos pretendidos por ele. Dessa forma, dispensa a sua parceira o tratamento nominal *Noêmia*, que é uma estratégia utilizada para tentar manter uma primeira aproximação, em seguida corrigindo-o por *D. Noêmia* devido a seu *status* de empresário e patrão da moça.

Assim, conforme propomos investigar nos diálogos do romance, podemos verificar que as estratégias linguísticas são organizadas, algumas vezes, por meio de aproximação, em outras, por meio do distanciamento entre os interactantes.

Nos próximos diálogos, Sabino sente desejo sexual por Noêmia. Liga para o escritório e marca um encontro com a secretária, para que possam ficar a sós:

Exemplo 7

— Eu queria que a senhora, que você fosse a um lugar se encontrar comigo. É um assunto pessoal. Meu anjo, quer tomar nota do endereço?

Já a chamara de “meu anjo”. Atônita, ela pede:

— Um momentinho, que eu vou apanhar o lápis.

Teve ódio, asco da secretária. D. Noêmia voltou:

— Pode dizer, Dr. Sabino.

Disse a rua, o número. Sabe onde é? Sabia. E ele, com a voz estrangulada:

— D. Noêmia, faz o seguinte: daqui a meia hora – a senhora marca no relógio – daqui a meia hora, a senhora vem. Apanha um táxi e vem. Eu espero você. (p.64)

Sabino comporta-se como amante embora tenha um *status* superior ao da secretária. Sendo assim, utiliza uma estratégia de carinho quando a chama de *meu anjo*, com a intenção de defender sua posição e seu *status*.

Sabino utiliza o tratamento pronominal *a senhora*, com o intuito de demonstrar respeito e superioridade diante de Noêmia. Logo, os traços da personalidade de Sabino são notados no uso do tratamento nominal *anjo*, em que se percebe um disfarce de seu *status* com o objetivo de seduzir Noêmia. Dessa maneira, o empresário usa uma palavra carinhosa para disfarçar sua fachada falsa:

— Eu queria que a senhora, que você fosse a um lugar se encontrar comigo. É um assunto pessoal. Meu anjo, quer tomar nota do endereço?

O tratamento pronominal *a senhora* evolui para *você* que, logo foi corrigido para *meu anjo* . Percebemos a intenção de tratar a secretária de maneira afetuosa, para que haja uma aproximação entre eles. Por isso, até a linguagem de Sabino é modificada, tornando-se mais doce e afável devido ao papel de

amante que ele tenta desempenhar. Dessa forma, podemos verificar que o indivíduo exerce vários papéis sociais que dependerão dos vários *status* dele:

Tomando a comunicação no sentido amplo quanto no estrito, verifica-se que, quando o indivíduo está na presença imediata dos outros, sua atividade terá um caráter promissório. Os outros, provavelmente, acharão que devem aceitar o indivíduo em confiança, oferecendo-lhe uma justa retribuição enquanto estiver presente, em troca de algo cujo verdadeiro valor só será estabelecido quando ele se retirar. (Goffman, 2007, p.12)

Como se viu, Noêmia possui um *status* inferior ao de Sabino, que tenta manipular toda a situação de interação com o objetivo de mostrar sempre a sua posição hierárquica.

Nos próximos exemplos temos o início do primeiro contato íntimo entre os dois:

Exemplo 8

— Noêmia, está me ouvindo?

Não responde.

Repete:

— Noêmia, olha, Noêmia.

— Estou ouvindo.

.....

— Vou dizer uma coisa baixinho no teu ouvido. Uma coisa que ninguém sabe, que eu não contei a ninguém.

— Conta.

.....

— Uma vez, quando eu era garoto, eu e um menino fomos tomar banho juntos. Banho de rio, no Trapicheiro. Eu tinha 12 anos e ele, 14. O menino era mais forte do que eu. Tiramos a roupa. E, então, ele me agarrou.

.....

— Continua.

— Não conto mais! Não conto mais!

.....

— O senhor gostou?

— Me chama de você.

— Eu respeito. O senhor está em cima de mim, mas eu respeito o senhor.

— Noêmia! Sou eu que estou mandando! Me chama de você!

Fecha os olhos:

— Você gostou?

— Isso que você quer saber? Já sei. Você acha. Não é isso? Acha que eu gostei. Mas olha. Se está pensando que eu, eu, entende?

— Gostei, gostei! (p.80-81)

.....

— Você está desiludido?

— Por obséquio, me chama de senhor.

— O senhor gostou?

— Bem. Quero que a senhora saiba o seguinte: aquilo que eu lhe disse, a história do tal garoto, não é verdade, não aconteceu. Eu inventei na hora. Foi uma fantasia erótica – e repetiu, desesperado, a palavra – Erótica.

— O senhor tem medo que eu lhe vá difamar?

— D. Noêmia, não se trata disso. Mesmo porque não tenho medo nenhum da senhora. Eu quero apenas esclarecer certos pontos. Não houve o tal garoto. E se a senhora não está convencida.

— Estou convencida, Dr. Sabino!

— Um momento. Convencida ou não, eu lhe juro, pela vida de minha filha. Que Deus cegue Glorinha; quero que Glorinha, que é a coisa que mais adoro, morra leprosa- se esse garoto existiu algum dia. (p.83)

.....

Sabino usa o tratamento nominal *Noêmia* e não utiliza um pronome de tratamento para dirigir-se a ela. A estratégia dele consiste em amenizar a situação e fazer com que Noêmia se sinta à vontade:

— Noêmia, está me ouvindo? Noêmia, olha, Noêmia.

A forma respeitosa *o senhor*, utilizada por Noêmia para referir-se a Sabino, deve-se, em primeiro lugar, ao fato de ele ser uma pessoa madura e de *status* social elevado, pois, em conformidade com o *status* que um indivíduo ocupa, deve haver uma subordinação a determinado comportamento, a determinado conjunto de regras e a determinadas posturas éticas.

A superioridade e o respeito por Sabino são expressos pelas formas de tratamento que lhe são dirigidas por Noêmia. Assim, Sabino é tratado pela forma pronominalizada *o senhor* até mesmo quando ele pede para ser chamado de *você*, para obter uma aproximação de seu interlocutor. Existe um afastamento entre eles, mas há uma tentativa, por parte de Sabino, de quebrá-lo, devido à diferença de *status* social:

— O senhor gostou?

— Me chama de você.

— Eu respeito. O senhor está em cima de mim, mas eu respeito o senhor.

O tratamento pronominalizado *o senhor*, utilizado por Noêmia, demonstra respeito e superioridade em relação ao papel social de seu interlocutor (cf. 2.5). Portanto, há, no diálogo, uma tentativa de mudança no tratamento de respeito e solidariedade para intimidade (*semântica da solidariedade*), conforme a teoria de Robinson (1977), baseado em Brown (1965).

Não conseguindo uma aproximação, Sabino tenta submeter Noêmia, lembrando sua condição de chefe:

— Noêmia! Sou eu que estou mandando! Me chama de você!

Por outro lado, notamos a demonstração de poder e o distanciamento quando Sabino pede para ser chamado de *senhor*, no momento em que terminam o ato sexual. Ou seja, mesmo ele querendo ocultar anteriormente o tratamento respeitoso, afasta-se da intimidade e mostra domínio e seriedade na situação. Essa mudança repentina de intimidade para respeito e poder é denominada de (*semântica do poder*):

— Por obséquio, me chama de senhor.

Sabino não só exige o respeito devido o fato de ser alguém superior na escala social e possuidor do poder econômico, como também trata a secretária pela forma pronominalizada *a senhora*, que indica respeito e distanciamento diante do seu *status* social. O tratamento *a senhora*, empregado no próximo exemplo, demonstra não só que Sabino respeita a condição de secretária que Noêmia ocupa, mas também que respeita a condição de mulher (*status* sexual). Sabino exige respeito na interação, em função de sua condição de empresário. Para isso, usa uma estratégia argumentativa tentando se justificar:

— Por obséquio, me chama de senhor. Bem. Quero que a senhora saiba o seguinte: aquilo que eu lhe disse, a história do tal garoto, não é

verdade, não aconteceu. Eu inventei na hora. Foi uma fantasia erótica.

— E repetiu, desesperado, a palavra: — Erótica.

Notamos, também, que as frases proferidas por Noêmia são curtas. Trata-se de uma estratégia utilizada para manter um contato rápido:

— Estou convencida, doutor Sabino!

Nos próximos exemplos ocorre a interação entre Sabino e Glorinha. Sabino promete a Glorinha levá-la para passear antes do casamento. Assim, ela se arruma e sai com o pai para conversar sobre assuntos do cotidiano. Mostra-se satisfeita com o passeio e conta a seu pai tudo o que pensa a respeito de sua mãe. Para Glorinha, a mãe não passa de uma imoral e incestuosa. Ele, indignado e inconformado com a atitude da filha, tenta defender sua esposa Maria Eudóxia:

Exemplo 9

— Glorinha, você vai me explicar isso direitinho. Você não está normal. Responde. E não vira o rosto. Olha pra mim, Glorinha, olha pra mim.

Encarou-o, sem medo:

— Me dá um cigarro.

Gritou tanto que logo ficou rouco:

— Menina! Não se faça de tola! Não é hora de fumar! Eu não admito que você fale assim de sua mãe! (p.238)

Sabino adota uma estratégia com a intenção de proteger a esposa, pois Glorinha tenta manipulá-lo por meio de seu ódio pela própria mãe:

— Glorinha, você vai-me explicar isso direitinho. Você não está normal.
Responde. E não vira o rosto. Olha pra mim, Glorinha, olha pra mim.

O tratamento nominal *menina*, utilizado por Sabino, revela que ele tem a intenção de atenuar a situação desagradável entre mãe e filha. Sem o compromisso de uma situação formal, Sabino tenta envolvê-la com espontaneidade e afetividade, o que é algo comum no processo de comunicação e interação. Ao longo da conversa, ele adota uma estratégia intencional de negociação para equilibrar as relações familiares que lhe permite se aproximar ainda mais da filha:

— Menina! Não se faça de tola! Não é hora de fumar! Eu não admito que você fale assim de sua mãe!

Durante o passeio com o pai, Glorinha é agarrada por ele, que tenta lhe dar um beijo de maneira violenta. Desesperada com o acontecido, ela foge e crítica o pai, dizendo que ele está tomando a mesma atitude da mãe, que tentou agarrar a filha quando era criança. Assim, Glorinha corre pela praia até encontrar alguém que possa levá-la até sua casa. Quando chegam lá, a mãe, preocupada, pede uma explicação sobre os motivos da ausência do pai e da filha:

Exemplo 10

.....

Sabino explicava, risonhamente:

— Não houve nada. Demos uma volta, uma volta. Um passeio.

— Minha filha, olha aqui. Não quero saber de nada. Sim? Não me conta nada. Deixa sair esse casamento. Depois a gente conversa, está bem? (p.257)

.....

Sabino, agora, exercendo o *status* de pai, tenta manter uma postura ética e uma linguagem familiar, de maneira a não se comprometer. Ao tentar dar explicações à esposa, diz que não houve nada, para que Glorinha não desestabilize seu papel de pai.

Nesse contexto, podemos observar que houve uma mudança de postura em relação a Sabino, que representa a figura de pai, aquele que protege e cuida, e não um incestuoso que tenta beijar a boca da própria filha. Por isso, o pai age com seriedade, para que sua conduta e seu *status* de pai não sejam quebrados no meio familiar:

— Não houve nada. Demos uma volta, uma volta. Um passeio.

A filha, Glorinha, tenta explicar à mãe que o pai é um incestuoso e tentou violentá-la, mas a mãe disfarça a situação e tenta preservar a imagem da

família. Ela usa uma pergunta retórica “— Minha filha, olha aqui. Não quero saber de nada. Sim?” como estratégia argumentativa para dizer que não está convencida do que a filha está dizendo. Maria Eudóxia mantém, no momento, a imagem da família, do casamento, tentando mudar de assunto, dizendo para continuarem a conversa depois do casamento. Ou seja, as relações sociais devem estar equilibradas, pois a família ocupa uma posição e um *status* elevado na sociedade.

As formas de tratamento selecionadas pelas personagens comprovam o efeito de sentido de poder e submissão, bem como autoridade e superioridade. Assim, a mãe tenta ser polida com a filha:

— Minha filha, olha aqui. Não quero saber de nada. Sim? Não me conta nada. Deixa sair esse casamento. Depois, a gente conversa, está bem?

Notamos que as estratégias básicas, no exemplo acima, são construídas por meio das formas nominais ou pronominalizadas no tratamento dos interlocutores. As personagens se manifestam ora por formas de tratamento que indicam proximidade ou distanciamento, ora superioridade ou inferioridade.

Nas próximas análises, verificaremos como se dá a preservação da *face* e *polidez* entre as personagens, no intuito delas resguardarem suas *faces* e a do interlocutor para que a interação seja bem sucedida e atenuada.

3.3 Preservação da *face* e *polidez*

Conforme vimos anteriormente, a linguagem é um veículo social que estabelece interação com outros participantes nas mais variadas situações de comunicação. Nesse sentido, trata-se de uma atividade sociocultural que transmite informações com o objetivo de ampliar as relações sociais.

O equilíbrio que marca as relações na interação serve para preservar a imagem social do indivíduo. Dessa forma, o falante, ao entrar em contato com outro no processo social, expõe a sua autoimagem.

Assim, a interação tem um caráter fundamental no desenvolvimento da conversação, uma vez que proporciona o engajamento mútuo entre os participantes, buscando, de alguma maneira, a cooperação e o entendimento durante o ato conversacional:

(...) a **conversação** tem como característica implicar um número relativamente restrito de participantes, cujos papéis não estão predeterminados, que gozam, em princípio, dos mesmos direitos e deveres (a interação é de tipo “simétrico” e “igualitário”) e que não têm outro objetivo explícito que não seja o prazer de conversar; ela tem, enfim, um caráter familiar e improvisado: temas abordados, duração da troca, ordem das tomadas de turno, tudo isso se determina passo a passo, de maneira relativamente livre- relativamente, pois, conforme o veremos, até mesmo as conversações aparentemente mais anárquicas obedecem, de fato, a algumas regras de produção, deixando, no entanto, aos interlocutores uma margem de manobra nitidamente mais extensa

que em outras formas mais “coercetivas” de trocas comunicativas.
(Kerbrat-Orecchioni, 2006, p.13, grifo da autora)

Como destacamos no item 2.5, a interação de um indivíduo com seu interlocutor se dá no âmbito social. Ou seja, ele mantém constantemente um envolvimento com o outro, ao passo que deseja causar determinada impressão, de maneira consciente ou não. Desse modo, o indivíduo expõe sua *face*, que é o valor social positivo que uma pessoa tenta transmitir aos outros com a finalidade de ser aprovada por eles. Logo, os interactantes devem preservar suas *faces*.

Nos diálogos a seguir, Dr. Camarinha, médico da família, presencia, em seu consultório, uma cena desagradável entre o seu funcionário Zé Honório e o noivo de Glorinha, Teófilo. Ambos são flagrados dando um beijo na boca, na véspera do casamento da filha de Sabino. Na verdade, Dr. Camarinha fica aborrecido, pois considera Teófilo como um filho:

Exemplo 11

O Dr. Camarinha começa:

— O que é que o “senhor” tem a dizer?

Encarou-o:

— Tenho a dizer que o senhor está sendo injusto.

— Injusto, eu? Eu?

O médico muda de tom:

— Não vamos perder tempo. O “senhor” está proibido – proibido! – de pôr os pés aqui.

— Posso falar?

Na sua fúria contida, disse:

— Merecia apanhar nessa cara!

Vira-se, rápido e lívido:

— Não me encoste a mão! O senhor não me conhece! Os dois se olham, cara a cara. Teófilo tem sempre uma pele de quem lavou o rosto há dez minutos. O médico aponta a porta:

— Saia! Ande, saia!

O outro baixa a voz:

— Isso que o senhor viu não aconteceu nunca na minha vida. Foi a primeira vez e será a última. Lhe peço que o senhor acredite. Sou normal- e repetiu, sem desfitá-lo:

— Sexualmente normal.

O Dr. Camarinha tem entre os dedos a piteira sem cigarro:

— A mim, você não engana. Eu vi. Aceito todos os defeitos, menos esse. E o homem que deseja outro homem, e que, por desejo, beija outro homem, pra mim não é nem gente. Rapaz, você vai sair agora do meu consultório e nunca mais fale comigo.

Teófilo chegou a dar dois, três passos. Volta:

— Bem. Quero que fique bem claro o seguinte: não houve nada entre mim e esse rapaz. Nada de extraordinário. Eu apenas o abracei. Foi apenas um abraço. Ele faz anos, hoje. É meu amigo e eu o abracei.

— Pois então fique sabendo. A família de Glorinha vai saber de tudo. Eu vou contar, eu!

— Dou-lhe um tiro!

Perdeu a cabeça:

— Só se for com a bunda!

Pausa. Teófilo acende, afinal, o cigarro. Já ia sair.

Fala sem ódio:

— Dr. Camarinha, o senhor não sabe de nada. Eu sou a felicidade de Glorinha. Adeus.

Para o médico, pior que beijo fora a atitude posterior. Sentira no rapaz um cinismo gigantesco. (p.29-30)

Podemos observar que os interlocutores adotam estratégias de preservação da *face* durante a interação. O diálogo do Dr. Camarinha com o noivo de Glorinha, Teófilo, mostra que o médico procura saber qual a posição do noivo em relação ao casamento, já que este praticou um ato de homossexualismo com o funcionário da clínica. Diante desta situação, Dr. Camarinha tenta buscar uma explicação a respeito do sentimento de Teófilo por Glorinha. A estratégia do médico consiste em fazer interrogações com o fim de expor a *face* negativa

de Teófilo. A *face* negativa, no entanto, envolve a contestação básica aos territórios, reservas pessoais e direitos; em outras palavras, a liberdade de ação e liberdade de sofrer imposição; o desejo que as pessoas têm de não serem controladas (cf. item 2.6). Assim, verificamos que, no exemplo abaixo, essa autoimagem não é aprovada e valorizada, pois Teófilo deixa transparecer sua opção sexual, que é a homossexualidade. Dessa forma, sua *face* negativa é invadida:

— O que é que o senhor tem a dizer?

A atitude de Teófilo consiste em contradizer e defender sua imagem. Percebendo que sua *face* foi ameaçada, o noivo procura defender-se. Sua resposta consiste em preservar a própria face de maneira afável e delicada, mostrando ao médico que está ofendido com a acusação que lhe foi feita e que a considera falsa. Para amenizar o constrangimento criado pelo Dr. Camarinha, Teófilo usa a estratégia de *polidez* com o objetivo de manter a situação equilibrada:

—Tenho a dizer que o senhor está sendo injusto.

O discurso de Teófilo mostra, no primeiro momento, naturalidade. Por isso ele age educadamente não deixando transparecer sua imagem negativa. Já no segundo instante, há uma tentativa de defesa por parte dele, pois seu “território” continua sendo invadido. No terceiro, no entanto, ofendido, o rapaz age com uma linguagem agressiva para se autodefender:

Goffman distingue três tipos de responsabilidade diante da ameaça à face. No primeiro, ao ameaçar a face, o indivíduo age com certa ingenuidade, isto é, a ameaça é involuntária. Se o indivíduo tivesse previsto as conseqüências ofensivas, teria evitado a situação. É o que se chama de atitude desastrada ou gafe. No segundo, a ameaça é resultado de malícia ou de rancor, com a clara intenção de provocar um insulto. No terceiro tipo, a ameaça é provocada por ofensas acidentais, isto é, a pessoa que ameaça sabe da possibilidade de colocar em risco a face, mas não a faz por rancor. (Silva, 2006, p.112)

As falas de Teófilo mostram o perfil característico de uma pessoa que gosta de fingir diante da sociedade, como se fosse o melhor homem. Inclusive ele tenta provar que nada aconteceu, com o objetivo de conquistar seus próprios interesses. O Dr. Camarinha percebe, ao longo do discurso, o cinismo do rapaz, verificando que ele não é uma pessoa verdadeira, pois tenta negar uma evidência diante do flagrante dado pelo próprio médico. Por esse motivo, Dr. Camarinha age de maneira brusca e vigorosa em relação a Teófilo:

— Não vamos perder tempo. O “senhor” está proibido – proibido! – de pôr os pés aqui.

Não contente com a intenção do médico de provocar sua imagem, Teófilo utiliza uma estratégia argumentativa na tentativa de monitorar Dr. Camarinha:

— Posso falar?

Indignado com a atitude de Teófilo, o médico tenta ameaçar ainda mais a *face* de seu interlocutor, buscando constrangê-lo com uma ameaça de atitude violenta:

— Merecia apanhar nessa cara!

Teófilo sente-se ameaçado e, na tentativa de preservar sua imagem, lança mão de estratégias ofensivas que ameaçam a *face* do seu interlocutor:

— Não me encoste a mão! O senhor não me conhece!

Sem conseguir seu intento, Dr. Camarinha usa uma estratégia de imposição, ordem e desafio com o intuito de preservar sua *face* e seu *status* de médico. Desse modo toma uma decisão rápida e ágil para não se ferir ainda mais:

— Saia! Ande, saia!

O discurso de Teófilo é submisso diante do papel que o médico desempenha. Sabendo que seu “território” foi invadido, Teófilo tenta valorizar e resgatar sua imagem positiva a fim de preservá-la para obter reconhecimento dos outros. Dessa maneira, procura justificar-se buscando valorizar sua posição na sociedade, ou seja, destaca o fato de ser noivo e de estar prestes a se casar com a filha de um rico empresário.

Dessa maneira, Teófilo tenta preservar a “fachada” social diante dos outros, que é a representação do indivíduo no grupo de observadores, ou seja, “é o equipamento expressivo de tipo padronizado intencional ou inconscientemente empregado pelo indivíduo durante sua representação” (cf. Goffman, 2007, p.19).

Assim, encontramos no discurso do noivo uma “fachada” falsa, pois este demonstra para a sociedade ser algo que não é, deixando, contudo, transparecer para a sociedade sua opção sexual, que é algo negativo para a sua imagem positiva. Dessa maneira, ele tenta reconstruir a *face* positiva que foi perdida e prejudicada por seu comportamento na sociedade. Há uma tentativa de reconstrução dos atos ameaçadores a sua *face*, sabendo-se que as acusações ocorreram de maneira direta devido às provas concretas contra ele. No entanto, o noivo revela ser normal e frisa novamente: “— Sexualmente normal”, pois ele sabe da extrema discriminação social, na época, em relação à homossexualidade:

— Isso que o senhor viu não aconteceu nunca na minha vida. Foi a primeira vez e será a última. Lhe peço que o senhor acredite. Sou normal – e repetiu, sem desfitá-lo: — Sexualmente normal.

Na tentativa de ameaçar novamente a *face* de Teófilo, o médico procura insultar a imagem social do noivo, que foi perdida. Para isso, utiliza uma acusação em relação à sexualidade do rapaz, ato este que ameaça a *face* negativa dele. Com a necessidade de manter um determinado valor social

entre os dois, Teófilo em seguida utiliza estratégias de equilíbrio para não ferir a imagem do médico.

Assim, durante a interação, os participantes estão preocupados em preservar sua *face* e não prejudicar a imagem do outro (cf. 2.6). Dessa maneira, os interactantes do discurso devem buscar um acordo com a finalidade de preservar sua imagem sem ameaçar a do parceiro. Para isso, Teófilo, nesta situação, busca mais uma vez preservar sua imagem de maneira discreta, com justificativas, explicações e repetições que enfatizam a negociação entre eles:

— Bem. Quero que fique bem claro o seguinte: não houve nada entre mim e esse rapaz. Nada de extraordinário. Eu apenas o abracei. Foi apenas um abraço. Ele faz anos, hoje. É meu amigo e eu o abracei.

Há um constante jogo de ameaça e preservação da *face* entre os interlocutores. As ofensas ao noivo são humilhantes, pois o médico deseja julgar e ameaçar constantemente a sua *face* com o objetivo de que ele desista do casamento, que, segundo ele, é uma instituição social conservadora. Dessa forma, Teófilo tenta manter sua “fachada” falsa para representar o noivo na sociedade.

Observemos que o insulto é contra a instituição familiar da noiva. Portanto, o médico ameaça a *face* com um argumento de vingança:

— Pois então fique sabendo. A família de Glorinha vai saber de tudo. Eu vou contar, eu!

Teófilo perde a *face* diante do médico. Para mantê-la preservada utiliza uma estratégia violenta, fazendo uma ameaça:

— Dou-lhe um tiro!

Percebemos que o médico perde sua posição social no momento em que dá respostas ofensivas. Dessa forma, acaba ameaçando a própria *face* ao utilizar uma linguagem obscena:

— Só se for com a bunda!

A propósito desse problema de ameaça à *face*, Silva explica:

Com efeito, o indivíduo pode encontrar-se em situações variadas diante da ameaça à *face*. Se deseja sair-se bem diante das ameaças à *face*, deve contar com um repertório e práticas para preservar a *face*. A maneira mais segura de uma pessoa não colocar em risco a *face* é evitar situações de contato que possam representar ameaças em potencial, ou tomar o devido cuidado para não colocar em risco a própria *face* ou a do (s) outro (s).
(*Ibid.*, 2006, p.112-13)

Houve várias ameaças à *face* de Teófilo por parte do médico, que afirma várias vezes que ele é um homossexual e que isso é uma vergonha para a família de Glorinha. Observamos que Camarinha tem a preocupação de preservar a família do amigo Sabino, que é séria e possui um elevado *status*

social. Teófilo tenta amenizar a situação. Por isso se acalma, evitando os constrangimentos indesejados na interação. Trata-se de uma estratégia de *polidez* cujo objetivo é amenizar um ato de fala para não criar desequilíbrio entre os interlocutores:

— Dr. Camarinha, o senhor não sabe de nada. Eu sou a felicidade de Glorinha. Adeus.

Dr. Camarinha conta a Sabino que viu Teófilo beijando a boca de Zé Honório. O empresário, desesperado com a situação, pede ajuda ao amigo, pedindo-lhe maiores esclarecimentos e exigindo que o médico prove a veracidade do acontecimento. Ainda pensando na possibilidade do engano, Sabino pede que Camarinha relate tudo o que ocorreu, desde o flagrante até a reação dos dois no momento em que foram pegos de surpresa.

Os exemplos apresentados a seguir também ilustram a discussão anterior:

Exemplo 12

Como o médico não falasse, exaltou-se novamente:

— Sejam os práticos. E o escândalo? O senhor já pensou no escândalo? O que é que eu vou dizer?

.....

O silêncio do médico o desatinava:

— E nunca se sabe a reação de uma noiva. Isso pode destruir minha filha.

O Dr. Camarinha falou duro:

— Sabino! Eu te conheço há trinta anos. E, durante esses trinta anos, você já me disse, umas quarentas vezes, que é “um homem de bem”. É, Sabino, você gosta de se apresentar como “homem de bem”. (p.33)

.....

Percebemos claramente que nesse momento há uma relação conflituosa entre os dois, pois Sabino está decepcionado com a situação em que se encontra e com a revelação que o Dr. Camarinha lhe fez. Como pai, deseja realizar o casamento da caçula, entre suas filhas aquela de quem mais gosta. Dessa maneira, a interação entra em conflito, pois Sabino preocupa-se em manter sua posição e seu *status* social. Inclusive ele diz que não terá o que dizer, pois falar em homossexualismo é muito difícil numa sociedade que discrimina essa orientação sexual. Em resposta ao silêncio do Dr. Camarinha, Sabino pensa no constrangimento da filha diante dos conhecidos e dos amigos próximos. Assim, usa uma estratégia para equilibrar a situação e não deixar que o médico o condene pelo casamento prestes a se realizar:

— Sejam práticos. E o escândalo? O senhor já pensou no escândalo? O que é que eu vou dizer?

— E nunca se sabe a reação de uma noiva. Isso pode destruir minha filha.

Não contente com a reação de Sabino, Camarinha ameaça a *face* do amigo de maneira a fazer com que ele se sinta prejudicado socialmente. Desse modo, a *face* positiva de Sabino é depreciada, pois o médico não aceita a atitude do pai, que pretende casar a filha com um pederasta. Por outro lado, Sabino deseja preservar seu *status* e sua “fachada” social, fazendo com que o casamento aconteça, o que manterá seus princípios e sua posição social sem nenhum constrangimento. Sabino não quer desvalorizar o conjunto de imagens construídas na própria família.

Assim, verificamos que o Dr. Camarinha emprega uma estratégia ameaçadora em relação ao amigo, que compromete sua *face* negativa. O médico cita uma frase do empresário, que costuma declarar-se como “um homem de bem”. Mais adiante, faz uma afirmação ameaçadora, repetitiva, para provar que Sabino mantém uma “fachada” falsa diante da sociedade, ou seja, ele representa um papel e possui um *status* de pessoa do bem com o intuito de fazer com que os outros acreditem em sua moralidade ilibada. A própria aparência do empresário é uma fachada, pois ele possui muito dinheiro, posição social elevada, família, filhos, etc., e rende-se à aceitação de uma situação considerada insustentável pela moral burguesa da época. Tudo isso mostra que Sabino sustenta no seu *status* social a sua interação com os outros:

— Sabino! Eu te conheço há trinta anos. E, durante esses trinta anos, você já me disse, umas quarentas vezes, que é “um homem de bem”. É, Sabino, você gosta de se apresentar como “homem de bem”.

Conforme vimos no exemplo 6, Sabino procura conduzir o discurso de acordo com os seus interesses, demonstrando, assim, sua imagem na interação social. Dessa maneira, o empresário procura preservar sua autoimagem, que foi ameaçada novamente. Por exercer uma posição elevada na sociedade, ele deseja manter seu *status* e seu comportamento. Assim, no momento em que sai com Noêmia, revela um acontecimento de sua vida. Após o relato, conta que gostou de relacionar-se com outro menino quando era adolescente. Finalizada a relação com a secretária, ele tenta preservar a imagem, mesmo esta não tendo sido ameaçada diretamente. Assim, justifica que foi apenas uma fantasia erótica. A forma de tratamento que utiliza com a secretária – *a senhora* – revela o respeito e o não comprometimento da *face* positiva dele. Noêmia, não satisfeita com a resposta, ameaça a face positiva de Sabino, bem como sua posição e seu *status*. Em seguida, Sabino deixa evidente que não tem medo. É uma tática que ele usa para preservar a sua autoimagem, ou seja, defender sua *face*:

— Bem. Quero que a senhora saiba o seguinte: aquilo que eu lhe disse, a história do tal garoto, não é verdade, não aconteceu. Eu inventei na hora. Foi uma fantasia erótica – e repetiu, desesperado, a palavra – Erótica.

— O senhor tem medo que eu lhe vá difamar?

— D. Noêmia, não se trata disso. Mesmo porque eu não tenho medo nenhum da senhora. Eu quero apenas esclarecer certos pontos. Não houve o tal garoto. E se a senhora não está convencida...

Noêmia finge estar satisfeita com a resposta. Por isso afirma estar convencida com os argumentos do Dr. Sabino, mas, ainda, há certo estranhamento em relação à preferência sexual de Dr. Sabino. Assim, utiliza o tratamento nominal *doutor* para manter o distanciamento entre eles, bem como preservar sua imagem social de secretária, de moça séria e honesta.

— Estou convencida, Dr. Sabino!

Noêmia fica nervosa com o modo como Sabino a trata, mas ao mesmo tempo fica ansiosa para contar o que aconteceu à amiga Sandra, que também trabalha no escritório. No entanto, fala para a amiga adivinhar quem era o homem com quem ela havia saído. Sandra, sem saber, pede para ela contar e jura que não falará a ninguém. Após a descoberta, fica surpresa e admirada com a atitude de um senhor que, em sociedade, faz tanta questão de manter seu papel de homem sério. Sandra, indignada, dá conselhos a Noêmia, dizendo não concordar com mulher que trai, pois sabe que Noêmia já tem um amante, chamado Xavier. Mesmo assim, Noêmia procura se defender, provavelmente porque a amiga não concorda com o caso com o patrão. Assim, a secretária de Sabino preserva sua *face* de maneira violenta e grosseira, ainda que tal *face* não seja ameaçada pela amiga. Noêmia promete bater em Sandra, caso ela conte o acontecido a outras pessoas.

A autopreservação da *face* tem como objetivo manter a expressão social da secretária Noêmia diante da sua interlocutora Sandra, bem como diante da sociedade. Para não perder a reputação, a secretária se autodefende por

causa dos valores morais e sociais que apresenta, assim como também defende Sabino. Percebe-se que ela o defende muito mais que a si própria, pois argumenta dizendo que não se deve tocar no nome do Dr. Sabino, ou seja, mantém o respeito e a superioridade dele em relação à posição que ela ocupa:

— Não vai sair assim, não. Quero te avisar uma coisa. Toma nota: se eu souber que você contou, pra alguém, o que eu te disse, se você tocar no nome do Dr. Sabino, eu te quebro a cara. Te meto a mão na cara. Experimenta, ouviu, experimenta! (p.88)

O diálogo a seguir ocorre na sacristia do Monsenhor, no momento em que ele relata a Sabino o fato extraordinário da moça que ali apareceu e se despiu para ele:

Exemplo 13

— E o que é que o senhor fez?

— Diga. O que é que eu fiz? Você me conhece. Vamos, use a sua imaginação. O que é que eu fiz?

Sabino não responde. Os dois se olham.

Monsenhor fala:

— Fiz o seguinte. Em primeiro lugar, não me espantei, isto é, não demonstrei nenhum espanto. Nem a censurei. Disse, simplesmente: — “Meu anjo, põe a roupa. Eu saio enquanto você se veste. Estou

esperando, aí do lado de fora”. Saí e ela ficou. Um minuto depois, apareceu, vestidinha. Ainda lhe disse, com o maior carinho: “Isso não aconteceu. Não houve nada. E Deus te abençoe”. Dei-lhe um beijo na testa e ela foi-se embora. (p.207)

Verificamos nos exemplos acima que o Monsenhor responde as perguntas de Sabino com perguntas retóricas com o intuito de preservar sua imagem. É possível observar que o clérigo preserva sua imagem social no momento em que tenta reproduzir a fala da garota durante o acontecimento na sacristia. Dessa maneira, tenta preservar a *face*, ainda que esta não seja ameaçada diretamente por Sabino.

Nos exemplos abaixo, Sabino está no escritório com Noêmia. A cena expõe uma situação constrangedora para a secretária que tenta justificar a paixão que tem pelo empresário:

Exemplo 14

— Dr. Sabino, eu tinha uma pessoa, um companheiro. Traí esse homem, pela primeira vez traí esse homem.

Sabino veio, do fundo do gabinete, com alegre crueldade:

— Então, pior, pior! A senhora trai esse homem com o primeiro que aparece? Não tinha havido entre nós uma palavra, um sorriso, nada! E a senhora trai, D. Noêmia? A senhora chega, vai tirando a roupa e abrindo as pernas? Eu era, praticamente, um desconhecido!

Levantou-se:

— Não , não! Não era um desconhecido!

Estava rouca:

— Ou o senhor não entende?

Avançou para ele. Pôs a mão no seu braço. Sabino desprende-se, num berro:

— Não me toque! Não me encoste a mão!

Sôfrega, ela vai dizendo:

— Dr. Sabino, eu fui, porque gosto, já gostava do senhor. O senhor pode não acreditar, mas eu adoro o senhor. Adoro!

O outro diz, quase sem voz:

— Adora nada! Conversa, conversa!

— Dr. Sabino, me ouça! Se fosse outro, eu não iria! Mas como era o senhor, fui! Quando cheguei aqui, briguei com o meu companheiro. Humilhei esse homem- por sua causa, Dr. Sabino.

Sabino estava de perfil, os olhos fechados:

— Estamos perdendo tempo.

Ela bateu o pé:

— Dr. Sabino, eu estava aqui, no meu canto, quieta. E o senhor me chamou. O culpado é o senhor.

“O que é que eu faço? Quero que o senhor me diga: o que é que eu faço?”

Vira-se, assombrado:

— A senhora está insinuando que há, entre nós, um compromisso... que eu tenho deveres para com a senhora? É isso, D. Noêmia? (p. 221-22)

Percebemos claramente a intenção de Sabino: humilhar Noêmia para preservar seu *status* social. Assim, mostra-se dono da situação, principalmente ao tratar a secretária de forma degradante. Há nessa circunstância um monitoramento de Sabino por Noêmia no processo de interação, tentando mostrar que ela é uma pessoa sem valor moral, já que sai com um desconhecido. Dessa maneira, há ameaça à *face* da secretária nessas manifestações de desprezo perpetradas por Sabino.

As estratégias são semelhantes: ambos os interlocutores utilizam estratégias de ataque que se baseiam em princípios éticos e morais. Como as estratégias são iguais, os interlocutores atacam as *faces* um do outro de maneira constrangedora, perdendo a imagem social.

Noêmia usa argumentos para preservar sua *face*, dizendo que tinha admiração e veneração por seu patrão. Esses argumentos são utilizados para preservar a imagem de Noêmia na sociedade. Dessa forma, ela utiliza-se de perguntas retóricas – “O que é que eu faço? Quero que o senhor me diga: O que é que eu faço?” – com a intenção de reforçar seu papel de moça pura, bem como suas responsabilidades e seu *status* de mulher.

Verifica-se que a imagem que Noêmia pretende preservar está alicerçada nos valores sociais e culturais relativos à mulher da época. Ela busca preservar

sua *face* por haver se envolvido com Sabino na primeira noite, dizendo que ele é uma pessoa especial. Devido à ameaça pronunciada por ele ao mencionar que Noêmia vai para a cama com qualquer pessoa na primeira noite, a secretária é obrigada a salvar sua *face* dizendo que tem adoração pelo patrão:

— Então, pior, pior! A senhora trai esse homem com o primeiro que aparece? Não tinha havido entre nós uma palavra, um sorriso, nada! E a senhora trai, D. Noêmia? A senhora chega, vai tirando a roupa e abrindo as pernas? Eu era, praticamente, um desconhecido!

Levantou-se:

— Não , não! Não era um desconhecido!

.....

— Dr. Sabino, eu fui, porque gosto, já gostava do senhor. O senhor pode não acreditar, mas eu adoro o senhor. Adoro!

A *face* de Sabino é novamente ameaçada ao ser acusado de ser o culpado pelo caso amoroso entre eles. Em seguida, justifica-se e não só preserva sua imagem e seu *status* como também lança mão de estratégias discursivas que ameaçam a *face* de seu interlocutor com o objetivo de que a secretária se sinta constrangida. O tratamento nominal *doutor* utilizado por Noêmia, ao interagir com Sabino, revela distanciamento social, que é uma maneira de ela preservar sua própria imagem.

Dessa maneira, o papel das formas de tratamento utilizadas pelos interlocutores passam à interação comunicativa o efeito de sentido de distanciamento que é a intenção de Dr. Sabino.

— Dr. Sabino, eu estava aqui, no meu canto, quieta. E o senhor me chamou. O culpado é o senhor. O que é que eu faço? Quero que o senhor me diga: o que é que eu faço?

— A senhora está insinuando que há, entre nós, um compromisso... que eu tenho deveres para com a senhora? É isso, D. Noêmia?

Nos próximos exemplos de interação, Sabino, por ter sua imagem atacada, no primeiro momento, tenta minimizar a situação resguardando a própria *face* de maneira a distanciar Noêmia das relações profissionais.

O excerto apresentado a seguir pertence à mesma cena. Sabino e Noêmia, durante o trabalho no escritório dão prosseguimento a sua interação:

Exemplo 15

— D. Noêmia, a senhora está despedida.

Girou, lentamente:

O quê?

Repetiu, quase doce:

— A senhora está despedida.

Olham-se. Ela começa a tremer e a falar:

— Eu sei por que o senhor está assim comigo.

Chega a rir de angústia:

— Por causa daquilo. Daquilo que o senhor me disse. Ao mesmo tempo, ela pensa: — “Vou começar a gritar. Estou com vontade de gritar”. Sabino imagina que a moça fala da fábula homossexual.

Pergunta:

— Aquilo o quê?

Diz, tiritando:

— O senhor disse o nome de sua filha. Não se lembra? O senhor chamou por Glorinha. Mas o senhor pode ficar sossegado, que ninguém vai saber. Eu não vou dizer a ninguém. Nunca, nunca!

Está cara a cara com a moça:

— Que é que você está dizendo? Hem? Está querendo insinuar o quê? É mentira! Mentira! Eu não falei nome nenhum! Sua filha da puta!

Veio para ela de mãos abertas:

— Vou te matar! Vou te matar! (p.224)

Verificamos que as atitudes de Sabino são marcadas pelo rancor e pelo ódio à secretária por teve sua *face* ameaçada. Portanto despede Noêmia, sabendo que esta é a única solução para preservar sua imagem social. Dessa maneira, a secretária toma coragem e diz para Sabino que sabe por que ele a demitiu. Relembra de que eles saíram para ter um contato mais íntimo, e isso faz com que a *face* de Sabino seja ameaçada. Ele finge não saber a que fato ela se refere. Não satisfeita com a situação constrangedora, Noêmia relembra a cena em que ele, enquanto a beijava, pronunciava o nome da filha.

Os argumentos usados por Sabino são de negação, para sustentar e manter sua *face*. No entanto, ele perde sua *face* positiva, de homem sério e educado no momento em que passa a fazer uso de vocábulos obscenos e de uma linguagem carregada de palavrões para se autodefender.

Observamos que Sabino constrói seu discurso com o *frame* de vocábulos impróprios para dar ideia de ofensa e pouco caso a situação comunicativa, criando o efeito de sentido de rancor e ódio na interação.

Sobre a influência dos fatores extralinguísticos, pode-se observar que Sabino sempre se apresenta como um homem de poder no meio social, exibindo uma representação falsa, ou seja, sua fachada é “falsa” diante dos interactantes:

— Que é que você está dizendo? Hem? Está querendo insinuar o quê?
É mentira! Mentira! Eu não falei nome nenhum! Sua filha da puta!

Observemos que Sabino perde novamente a *face* quando age com agressividade em relação à secretária. Coloca em risco sua reputação, pois a interlocutora percebe que ele usa uma máscara para simular uma imagem positiva no cotidiano, diante das pessoas. Nota-se que Sabino perde o equilíbrio da situação, bem como seu elevado *status* de empresário, no momento em que ameaça a secretária:

— Vou te matar! Vou te matar!

Nos diálogos a seguir ocorre conflito na interação entre pai e filha, o que faz com que haja ameaça em suas *faces*.

Vejamos, na cena abaixo, Sabino e Glorinha, sozinhos, na praia deserta, conversando sobre a família. Ela deseja saber o sentimento do pai em relação à mãe:

Exemplo 16

— Gosta de mamãe?

Ficou possesso:

— Você só sabe falar de sua mãe? Muda de chapa! Você está doente, menina! Isso é doença. Não respondo, me recuso a responder!

Ela trincou os dentes:

— Covarde! Covarde!

Quis avançar:

— O quê? O quê?

Como uma louca, a menina correu. Sabino vai atrás, gritando:

— Gosta de mamãe?

A menina parou adiante. Sabino aproxima-se, cambaleante. Estende as duas mãos crispadas:

— Minha filha, olha. Eu não gosto de sua mãe. Não gosto. Não é isso que você queria saber? Não amo sua mãe;

— Continua, continua.

Sabino não reconhece a própria voz:

— Tenho pena, uma certa pena. Mas não é amor. (p.243)

.....

— O senhor sabe que mamãe sempre me deu banho. Até hoje, ou até outro dia. Dizia que eu não sabia me lavar direito. Aquela conversa. E, depois, me enxugava, passava talco no corpo todo. Passava entre as pernas, dizendo: “Você transpira aí, pode dar assadura”.

Sabino balbuciou:

— Que mais:

E ela, num crescendo:

— Até que, na última vez, depois de me enxugar. Está ouvindo, meu pai? Minha mãe me agarrou, me virou e me deu, na boca, um beijo de língua. Como se fosse um homem, papai!

Sabino recua:

— O que é que você está dizendo? O que é que você está insinuando? Não é possível! – e abria os braços para o céu. – Ninguém pode dizer isso da própria mãe! (p.243-44)

.....

— Nem sua mãe tem nada de lésbica. Mulher normal, normal. Vou-te dizer mais, ouve, vou-te dizer mais. Tua mãe teve um amante. Me traiu. Eu perdoei ou nem isso. Fingi que não sabia. É adúltera, mas lésbica, não. E muito menos lésbica da própria filha. Eu sou cristão, eu sou cristão! (p.244)

A estratégia utilizada por Glorinha, no momento que faz perguntas a respeito da mãe, é de ameaçar a *face* do pai. Dessa maneira, podemos observar que Glorinha invade o “território” de seu pai e o ameaça. Sabino tenta mudar de assunto para se defender:

— Gosta de mamãe?

Ficou possesso:

— Você só sabe falar de sua mãe? Muda de chapa! Você está doente, menina! Isso é doença. Não respondo, me recuso a responder!

Vemos que a *face* negativa de Sabino é invadida, pois a filha quer saber sobre os sentimentos dele em relação à mãe. Portanto, o pai mantém uma fachada “falsa” para obter valor social em sociedade, bem como seu devido reconhecimento.

Glorinha ameaça novamente a *face* do pai. Com isso, Sabino emprega uma estratégia para responder à pergunta que ela fizera. Mesmo ficando nervoso, dá uma resposta à filha. Em seguida, Glorinha ameaça a *face* do pai de

maneira a atingir o *status* da família. Como a mãe de Glorinha não está presente, sua filha faz uma ameaça direta a seu pai, apresentando a ele uma imagem de mãe progenitora como uma pessoa degenerada, incestuosa, desregrada sexualmente e moralmente condenável. Isso fica claro nas passagens a seguir:

— O senhor sabe que mamãe sempre me deu banho. Até hoje, ou até outro dia. Dizia que eu não sabia me lavar direito. Aquela conversa. E, depois, me enxugava, passava talco no corpo todo. Passava entre as pernas, dizendo: “Você transpira aí, pode dar assadura”.

— Até que, na última vez, depois de me enxugar. Está ouvindo, meu pai? Minha mãe me agarrou, me virou e me deu, na boca, um beijo de língua. Como se fosse um homem, papai!

Sabino tenta preservar sua *face* e a da esposa. Por isso, faz perguntas retóricas com o fim de sustentar que essa fala de Glorinha constitui um absurdo. O argumento do pai consiste numa tentativa de preservar seu *status* e sua imagem, bem como seu comportamento no grupo social, compatível com o de pai de família, ou seja, aquele que protege, cuida e dá exemplos aos filhos, bem como à própria esposa. Ele sustenta que a mãe de Glorinha é uma mulher “normal”, frisando essa palavra, como se a opção sexual voltada para o lesbianismo fosse anormal:

— Nem sua mãe tem nada de lésbica. Mulher normal, normal. Vou-te dizer mais, ouve, vou-te dizer mais. Tua mãe teve um amante. Me traiu. Eu perdoei ou nem isso. Fingi que não sabia. É adúltera, mas lésbica, não. E muito menos lésbica da própria filha. Eu sou cristão, eu sou cristão!

Há um conflito nos diálogos entre pai e filha. Com suas falas, Sabino tenta resolver as relações conflituosas, defendendo a esposa diante da acusação feita por Glorinha.

O excerto a seguir é uma continuação da cena anterior. O acontecimento retratado se dá logo após o beijo entre Sabino e Glorinha:

Exemplo 17

— Vem cá, vem cá. Não corre Glorinha. A culpada foi você. Você que me provocou. Glorinha, eu explico. (p.245)

— Você me trouxe para cá. Uma cilada. Fez insinuações. No automóvel, veio com a mão no meio da minha coxa. E disse que, depois do banho, tua mãe passava talco entre as tuas pernas. Glorinha, você queria me excitar. Eu não sou incestuoso. Não sou incestuoso. Você foi a culpada, Glorinha. Eu sempre achei que o seu amor por mim não era normal. (p.245-46)

Sabino tenta reforçar o *status* de pai cuidadoso, zeloso, preocupado e responsável em relação aos filhos. Assim, ao perceber que perdera a *face* e o *status* de pai, ameaça a *face* da própria filha, dizendo que ela é a culpada de tudo. Sabino tenta jogar sobre Glorinha toda responsabilidade por seu gesto abominável. Trata-se de uma estratégia para resgatar a própria *face* que foi perdida. Assim, Sabino, em seu discurso, tenta manipular a filha de acordo com os objetivos que ele deseja atingir na interação, que é preservar sua imagem social. Por isso, a personagem utiliza todos os argumentos que invadiram seu “território”, que é a imagem negativa dele, como se fossem falsos. Ou seja, Sabino deseja obter reconhecimento e valorização no atual *status* que ocupa.

Nos próximos diálogos, analisaremos os marcadores conversacionais, que, na maioria das vezes, os interlocutores utilizam para preservar sua imagem durante os atos de fala.

Dentre os marcadores, serão objeto de estudo aqueles que indicam distanciamento: os marcadores de opinião, os *hedges*, a indeterminação do sujeito e os marcadores de rejeição.

a) Procedimentos que marcam o envolvimento do locutor

Os marcadores de preservação da *face* são utilizados para atenuar a imagem dos interlocutores durante a interação. Conforme Galembeck (1999), os marcadores de preservação da *face* envolvem o locutor na interação (cf. item 2.6). Nos exemplos a seguir, identificamos os marcadores: de opinião e os *hedges*.

a1) Marcadores de opinião

O diálogo a seguir ocorre durante uma conversa ao telefone entre Sabino e a esposa Maria Eudóxia. Interessada, ela pergunta se o que o Dr. Camarinha deseja conversar com ele diz respeito à gravidez:

Exemplo 18

— Eudóxia, toma juízo! Que é que você tem na cabeça? Você sabe que eu **acho**, sinceramente, palavra de honra, que a mulher é mais pornográfica do que o homem? (p.38)

Por meio do marcador “acho”, Sabino assume uma postura séria e honesta. Portanto, fala dando grande ênfase a essa postura, enfatizando a sua fala como algo pessoal e verdadeiro. Ele coloca sua opinião de maneira subjetiva, como se o que ele dissesse fosse a única verdade. Assim, o marcador “acho” é utilizado, pela personagem, para construir uma imagem de si positiva.

No próximo excerto, Glorinha está no consultório do Dr. Camarinha. Este diz que tem algo importante para revelar à futura esposa de Teófilo:

Exemplo 19

— Doutor, estou curiosíssima, morta de curiosidade. Mas **acho** que o senhor está fazendo suspense. (p.52)

Notamos a posição de Glorinha diante de Camarinha. Ela utiliza o marcador “acho” para preservar sua *face* de moça séria e virgem, evitando construir uma imagem negativa de si mesma perante os outros. Usa o marcador de opinião com o objetivo de mostrar veracidade, certeza e convicção diante daquilo que diz. Assim, a personagem Glorinha afirma estar curiosa para saber o que o médico tem a revelar. Há uma ideia de preservar a imagem do médico por meio do marcador “acho” para não apresentar agressividade e ironia perante a situação.

No próximo diálogo, Noêmia encontra o amante Xavier e lhe diz que convém finalizar a relação pelo motivo de ele ser casado e não poder se separar da mulher:

Exemplo 20

— **Acho** melhor acabar. Sinceramente. (p.70)

Os interactantes tratam, no exemplo acima, da separação entre eles. Para isso, Noêmia usa o marcador de opinião pessoal “acho” para assumir inteira responsabilidade no discurso, de modo a preservar sua imagem social. Assim, minimiza os possíveis danos que poderiam causar a imagem dos dois. Sua imagem de moça séria fica, portanto, preservada.

No próximo diálogo, Noêmia relata a Sandra, sua amiga, o caso que tivera com Sabino. A amiga lhe dá um conselho:

Exemplo 21

— Noêmia, eu não tenho nada com isso. Cada um sabe de si. Mas sabe que, **na minha opinião**, você fez mal. (p.87)

Observamos que, empregando a expressão adverbial “na minha opinião”, Sandra preserva a própria imagem, procurando falar à amiga com suavidade, para que Noêmia não se sinta mal. Assim, Sandra utiliza uma estratégia para amenizar a situação e não demonstrar falta de polidez.

O diálogo a seguir ocorre durante uma conversa da secretária com Sabino e o futuro genro, Teófilo, no escritório do empresário. Interessado, Sabino deseja saber se esse rapaz será capaz de fazer sua filha feliz:

Exemplo 22

— Da minha parte, farei tudo, tudo. Gosto de sua filha, amo sua filha. E **creio** que ela também me ama, claro. Temos tudo para sermos felizes. (p.214)

O marcador de opinião usado por Teófilo “creio”, indica uma preservação da *face* dele em relação ao sentimento da noiva, Glorinha. Portanto, ele não se refere com certeza ao sentimento da noiva, mas crê que ela o ama. Dessa maneira, ele dá uma resposta satisfatória ao pai de Glorinha, sem colocar em risco a sua imagem.

a2) Marcadores *hedges*

Analisaremos diálogos que utilizam os marcadores *hedges* com o intuito de diminuir a força ilocutória dos enunciados, fazendo com que o locutor preserve sua imagem social.

O diálogo a seguir ocorre no escritório de Sabino, no momento em que ele interrompe a conversa com Dr. Camarinha para atender sua esposa ao telefone. Ela esclarece uma dúvida com Sabino:

Exemplo 23

— **Quer dizer** que não é? Era isso que eu queria saber. (p.38)

O marcador “quer dizer” modifica a força do enunciado, pois exprime dúvida em relação ao que Eudóxia pergunta. Esse marcador tende a preservar seu *status* de mãe e preserva sua imagem social diante da sociedade.

O diálogo a seguir apresenta uma continuidade da conversa deles ao telefone. Sabino diz a Noêmia que vai ao Monsenhor sozinho:

Exemplo 24

— Exatamente. Escuta aqui: você é católica, apostólica, romana. Eu vou me confessar, **digamos**, vou me confessar. E você quer que minha confissão tenha assistência, convidados? Não vamos discutir. Amanhã é o casamento de Glorinha. Desista, porque não vou mandar automóvel nenhum. (p.39)

Sabino preserva sua imagem quando utiliza um marcador *hedge* “digamos”, atenuando a fala de maneira a modificar a força do enunciado. É uma maneira de preservar sua imagem, uma vez que desejava desabafar com Monsenhor Bernardo sobre a revelação feita pelo médico em seu escritório. Para preservar o *status* social de sua família, no entanto, Sabino jamais exporia toda a verdade sobre as revelações do Dr. Camarinha.

O excerto a seguir ocorre no escritório, numa conversa com Noêmia:

Exemplo 25

— **Não sei** se volto. Se telefonarem, a senhora toma nota direitinho do recado. E outra coisa: avisa lá para casa que eu fui ao Monsenhor. Até amanhã. (p.49)

O *hedge* “não sei” indica incerteza no enunciado e preserva a *face* do falante. Observamos, no exemplo acima, que Sabino diz a Noêmia que precisa sair para ir ao Monsenhor. Mesmo que não vá falar com o clérigo, o empresário deseja que a secretária diga à família que ele foi lá. Seu objetivo incide em preservar o *status* de patrão – homem sério e honesto – diante da situação em que se encontra: a descoberta de que o genro é um pederasta.

No diálogo a seguir, Noêmia e seu amante, Xavier, conversam sobre a possibilidade de ficarem juntos. Ele, no entanto, diz que não pode se separar devido à doença que acomete sua esposa. Assim, tira uma nota de quinhentos cruzeiros e entrega a Noêmia, para que ela faça um lanche:

Exemplo 26

— Vem cá. **Talvez** não dê. Toma mais. (p.70)

Podemos dizer, no exemplo acima, que o marcador *hedge* “talvez” permite ao enunciador dar uma resposta de incerteza em relação ao enunciado. Desse modo, nota-se que o marcador referido permite ao locutor distanciar-se do enunciado para preservar sua imagem social.

No excerto a seguir Sandra está curiosa para saber o que houve entre Noêmia e Sabino, no momento da intimidade do casal:

Exemplo 27

— **Quer dizer** que houve tudo? (p.86)

O marcador *hedge* “quer dizer” é uma estratégia para preservar a *face* de Sandra que deseja saber da intimidade entre Noêmia e Sabino. Assim, para não perguntar diretamente à amiga questões do âmbito de sua intimidade, ela usa um marcador atenuante para modificar a força do enunciado.

b) Procedimentos que marcam o distanciamento do locutor

Os marcadores que distanciam o locutor da enunciação são usados para a preservação da *face*. Assim, nos diálogos a seguir, apresentaremos dois exemplos em que o locutor preserva a própria *face* e se distancia do enunciado.

b1) Indeterminação do sujeito

O diálogo a seguir ocorre na sacristia do Monsenhor Bernardo durante uma conversa com Sabino:

Exemplo 28

— **Dizem** que eu tenho idéias malucas. Mas por exemplo: o casamento. Eu ponho o casamento acima de tudo. Essa gente está pensando o quê? O importante no casamento não é a noiva ou noivo. É próprio casamento. O ato sexual, que é o ato sexual? (p.60)

O locutor utiliza o marcador “dizem” para indeterminar o sujeito e não se comprometer com a sua autoimagem social. Dessa maneira, Monsenhor Bernardo produz enunciados de modo claro, dizendo que as opiniões a respeito da própria conduta não pertencem a ele, mas sim, aos outros. Em

seguida, justifica-se a valorização do casamento diante de tudo na vida social, bem como ao *status* do indivíduo, conforme mencionamos anteriormente.

b2) Marcadores de rejeição

Os marcadores de rejeição têm o objetivo de proteger a *face* do locutor, uma vez que neutralizam possíveis reações desfavoráveis ou prejudiciais ao interlocutor.

O fragmento a seguir ocorre na entrada do edifício da empresa de Sabino. Xavier, amante de Noêmia, vai procurá-la para uma conversa séria. No entanto, encontra a amiga Sandra esperando pelo marido. Assim, Sandra diz que Noêmia ainda não desceu, pois está no escritório:

Exemplo 29

— **Não sei se** espero, ou não espero. Acho que não vai dar pé. Em todo caso, vou esperar uns cinco minutos. (p.260)

O marcador de rejeição “não sei se”, dito por Xavier, revela a incerteza deste em relação à situação. Assim, para proteger seu *status* de homem casado, ele não deseja desagradar o seu interlocutor. Para isso preserva sua imagem social, utilizando o marcador de rejeição. Essa é uma estratégia para que o interlocutor insista que Xavier espere por Noêmia. Esse marcador é utilizado para que não haja perda da *face* do amante, preservando-a.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Propusemos estudar as estratégias conversacionais utilizadas por personagens do romance *O casamento* de Nelson Rodrigues com o objetivo de analisar os recursos da língua oral presente nos diálogos durante a interação entre as personagens.

Para isso, levamos em consideração alguns elementos tais como: *frame* e *footing*, papéis sociais, *status* e formas de tratamento, preservação da *face* e *polidez*, bem como os marcadores de preservação da *face*. Todos esses recursos contribuíram para que as personagens obtivessem uma interação que soasse espontânea e eficiente tal como se fossem falantes naturais da língua portuguesa.

Procuramos responder às seguintes questões, conforme propusemos no *problema* de nossa dissertação: 1) Como interagem as personagens em diferentes situações de comunicação? 2) Como os diálogos colaboram para a identificação social das personagens? 3) Que estratégias linguísticas se revelam mais eficientes no diálogo?.

Quanto à primeira, pudemos observar, durante as análises, que as personagens interagem de modos variados, utilizando-se os recursos da oralidade para tornar os diálogos próximos da realidade, por exemplo, utilizam as estratégias de preservação da *face* e de *polidez* para atingirem seus objetivos interacionais.

Quanto à segunda, pudemos entender que as personagens utilizam frases que sustentam sua posição social durante a interação. O comportamento delas varia em função de seu *status*, ora revelando aproximação, ora revelando distanciamento, dependendo da situação de interlocução.

Quanto à terceira, constatamos que as personagens utilizam determinadas formas linguísticas adequadas à situação de cada interactante, a fim de mostrar superioridade ou inferioridade, conforme a intenção de cada interlocutor.

De acordo com os nossos objetivos, verificamos que o uso das estratégias de preservação da *face* e de *polidez* foram utilizadas pelas personagens como garantia de um processo interacional eficaz. Assim, por exemplo, Sabino apresenta uma personalidade bastante marcada, visto que suas falas, em algumas situações, revelam poder, em outras, hierarquia para que ele seja respeitado, numa determinada posição e *status* social. Dessa forma, as personagens, de um modo geral, preservam e mantêm sua imagem social com o objetivo de equilibrar as relações sociais.

Vimos, também, que a fala masculina, na maioria das vezes, está vinculada à submissão, enquanto a feminina, em algumas situações, demonstra cooperação, na interação.

As personagens, de uma maneira geral, procuram preservar suas imagens e seus *status*, para que a interação seja bem sucedida.

Enfim, as análises nos mostraram que é possível considerarmos um diálogo construído como um modelo de competência comunicativa em que os

interlocutores utilizam estratégias conversacionais, a fim de atingir seus objetivos, durante a interação, aproximando-se de uma interação ideal.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALENCAR, Francisco. *História da sociedade brasileira*. 2.ed. Rio de Janeiro: Ao livro técnico, 1985.

AMOSSY, Ruth. Da noção retórica de *ethos* à análise do discurso. In: AMOSSY, Ruth (org.). *Imagens de si no discurso. A construção do ethos*. Trad. de Dilson Ferreira da Cruz, Fabiana Komesu e Sírio Possenti. São Paulo: Contexto, 2005.

BENVENISTE, Émile. *Problemas de Linguística geral II*. Trad. Eduardo Guimarães. Campinas, São Paulo: Pontes, 1989.

BRAIT, Beth. O processo interacional. In: Dino Preti (org.) *Análise de textos orais*. São Paulo: Humanitas, 2003.

CASTRO, Ruy. *O anjo pornográfico*. São Paulo: Companhia da letras, 1992.

COELHO, Caco. *O Baú de Nelson Rodrigues*. São Paulo: Companhia das letras, 2004.

CUNHA, Celso. CINTRA, Lindley. *Nova Gramática do Português Contemporâneo*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.

GALEMBECK, Paulo de Tarso. Preservação da face e manifestação de opinião: um caso de jogo duplo. In: Dino Preti (org.) *O discurso oral culto*. São Paulo: Humanitas, 1999.

_____. Polidez e preservação da face na fala de universitários. In: Dino Preti (org.) *Cortesia verbal*. São Paulo: Humanitas, 2008.

GERAB, Wilma Terezinha Liberato. *O discurso como ele é...nas tragédias cariocas de Nelson Rodrigues*. São Paulo: USP. Tese de Doutorado, 2008.

GOFFMAN, Erving. A elaboração da face. In: FIGUEIRA, Sérvulo Augusto (org.) *Psicanálise e ciências sociais*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1980.

_____. Footing. In: RIBEIRO, Branca Telles. T.& GARCEZ, Pedro M (orgs.) *Sociolinguística Interacional*. 2.ed. São Paulo: Loyola, 2002.

_____. *A representação do eu na vida cotidiana*. Trad. De Maria Célia Santos Raposo. Petrópolis: Vozes, 2007.

HORTON, Paul B. & HUNT, Chester L. *Sociologia*. Trad. Autiphebo Barrance Simões. São Paulo: Makron Books do Brasil, 1981.

MAINGUENEAU. Dominique. *Análise de textos de comunicação*. 5.ed. São Paulo: Cortez, 2008.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. *Da fala para a escrita: atividades de retextualização*. São Paulo: Cortez, 2001.

_____. *Análise da conversação*. 6.ed. São Paulo: Ática, Princípios, 2008.

ORECCHIONI- Kerbrat Catherine. *Análise da conversação*. São Paulo: Parábola, 2006.

PRETI, Dino. *A linguagem dos idosos*. São Paulo: Contexto, 1991.

_____. Alguns problemas interacionais na conversação. In: Preti, Dino (org.) *Interação na fala e na escrita*. São Paulo: Humanitas, 2003.

_____. Papéis sociais e formas de tratamento em A ilustre casa de Ramires, de Eça de Queiroz. In: Preti, Dino (org.) *Estudos de língua oral e escrita*. Rio de Janeiro, Lucerna, 2004.

_____. Tipos de frame e falantes cultos. In: Preti, Dino (org.) *Estudos de língua falada: variações e confrontos*. São Paulo: Humanitas, 2006.

_____. Entre o oral e o escrito. In: Preti, Dino (org.) *Oralidade em textos escritos*. São Paulo: Humanitas, 2009.

ROBINSON, W.P. *Linguagem e comportamento social*. Trad. Jamir Martins. São Paulo: Cultrix, 1977.

RODRIGUES, Nelson. *O casamento*. Rio de Janeiro: Livraria Eldorado Editora S.A, 1966.

SAKS, Harvey; SCHEGLOFF, Emanuel A.; JEFFERSON, Gail. *A simplest systematics for the organization of turn-taking for conversation*. *Language*, v.50, n.4, p.696- 735, 1974.

SILVA, Luiz Antônio da. Tratamentos familiares e referenciação dos papéis sociais. In: Preti, Dino (org.) *Léxico na língua oral e na escrita*. São Paulo: Humanitas, 2003.

SILVA, Luiz Antônio da. Polidez na interação professor/aluno. In: Preti, Dino (org.) *Estudos de língua falada: variações e confrontos*. São Paulo: Humanitas, 2006.

SILVA, Luiz Antônio da. Cortesia e formas de tratamento. In: Preti, Dino (org.) *Cortesia Verbal*. São Paulo: Humanitas, 2008.

URBANO, Hudinilson. *Oralidade na literatura: o caso Rubem Fonseca*. São Paulo: Cortez, 2000.

Livros Grátis

(<http://www.livrosgratis.com.br>)

Milhares de Livros para Download:

[Baixar livros de Administração](#)

[Baixar livros de Agronomia](#)

[Baixar livros de Arquitetura](#)

[Baixar livros de Artes](#)

[Baixar livros de Astronomia](#)

[Baixar livros de Biologia Geral](#)

[Baixar livros de Ciência da Computação](#)

[Baixar livros de Ciência da Informação](#)

[Baixar livros de Ciência Política](#)

[Baixar livros de Ciências da Saúde](#)

[Baixar livros de Comunicação](#)

[Baixar livros do Conselho Nacional de Educação - CNE](#)

[Baixar livros de Defesa civil](#)

[Baixar livros de Direito](#)

[Baixar livros de Direitos humanos](#)

[Baixar livros de Economia](#)

[Baixar livros de Economia Doméstica](#)

[Baixar livros de Educação](#)

[Baixar livros de Educação - Trânsito](#)

[Baixar livros de Educação Física](#)

[Baixar livros de Engenharia Aeroespacial](#)

[Baixar livros de Farmácia](#)

[Baixar livros de Filosofia](#)

[Baixar livros de Física](#)

[Baixar livros de Geociências](#)

[Baixar livros de Geografia](#)

[Baixar livros de História](#)

[Baixar livros de Línguas](#)

[Baixar livros de Literatura](#)
[Baixar livros de Literatura de Cordel](#)
[Baixar livros de Literatura Infantil](#)
[Baixar livros de Matemática](#)
[Baixar livros de Medicina](#)
[Baixar livros de Medicina Veterinária](#)
[Baixar livros de Meio Ambiente](#)
[Baixar livros de Meteorologia](#)
[Baixar Monografias e TCC](#)
[Baixar livros Multidisciplinar](#)
[Baixar livros de Música](#)
[Baixar livros de Psicologia](#)
[Baixar livros de Química](#)
[Baixar livros de Saúde Coletiva](#)
[Baixar livros de Serviço Social](#)
[Baixar livros de Sociologia](#)
[Baixar livros de Teologia](#)
[Baixar livros de Trabalho](#)
[Baixar livros de Turismo](#)